

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**IMPACTO DA VIOLÊNCIA DOMESTICA NO PROCESSO DE ENSINO
APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DA 3ª CLASSE. ESTUDO
REALIZADO NA ESCOLA 6028 MUNICIPIO DE ICOLO BENG
PROVINCIA DE LUANDA COMUNA DE CABIRE- 2022/2023**

Autor: Euclides Domingos Pascoal

Orientador: Damião Félix João Banza, MS.c

Luanda, 2024

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**IMPACTO DA VIOLÊNCIA DOMESTICA NO PROCESSO DE ENSINO
APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DA 3ª CLASSE. ESTUDO
REALIZADO NA ESCOLA 6028 MUNICIPIO DE ICOLO BENGU
PROVINCIA DE LUANDA COMUNA DE CABIRE- 2022/2023**

Trabalho apresentado ao Instituto Superior de Angola, como
requisito para elaboração do trabalho do Fim do Curso, sob a
orientação Professor Damião Félix João Banza, Ms.c

O JÚRI

Presidente _____

1º Vogal _____

2º Vogal _____

Secretário _____

Classificação: _____

Data _____/_____/_____

DEDICATÓRIA

À minha família, com quem aprendi o significado da vida profissional.

Com eles estive nos momentos altos e baixos...

AGRADECIMENTOS

À Deus todo poderoso por ter-me dado a vida, inteligência e ter-me guiado durante estes todos os anos;

Aos meus familiares, pelo amor e carinho oferecido durante o período de formação;

Ao Mestre Damião Félix João Banza, tutor deste trabalho, pelas orientações metodológicas, solidariedade incondicional com que me apoiou, amizade e compressão;

Aos ilustres professores do curso de Pedagogia Geral, pelos ensinamentos;

Aos meus colegas, pelo apoio incondicional;

A todos que de uma forma directa ou indirecta contribuíram para que este estudo fosse uma realidade;

Dirijo a cada uma dessas pessoas os meus sinceros agradecimentos.

EPÍGRAFE

“Nas sombras da violência domestica, a luz da aprendizagem muitas vezes se apaga”. (Azevedo, 2004, p. 6)

RESUMO

O estudo abordou o impacto da violência doméstica no processo de ensino-aprendizagem na Escola 6028, situada no município de Icolo Bengo, Luanda. A análise detalhada revelou que a violência doméstica transcende as fronteiras do lar, exercendo influência significativa no desempenho acadêmico e no bem-estar emocional dos estudantes. Ao validar a hipótese inicial, que postulava uma correlação entre a exposição à violência doméstica e o baixo rendimento escolar, os dados coletados confirmaram que crianças enfrentando esse contexto apresentam desafios substanciais, como dificuldades de concentração e relacionamento interpessoal, refletindo-se em resultados acadêmicos inferiores. Os objetivos delineados no início da pesquisa, abrangendo a identificação de indicadores comportamentais, a compreensão do impacto e a proposição de estratégias de intervenção, foram alcançados. Os resultados destacam a necessidade de abordagens sensíveis e direcionadas, não apenas para os alunos, mas também para os educadores. As sugestões de intervenção incluem a implementação de programas de conscientização, capacitação contínua para professores, formação de equipes multidisciplinares, espaços de diálogo regulares, campanhas preventivas, parcerias com organizações locais, apoio psicossocial constante, inclusão de temas transversais no currículo e monitoramento de indicadores acadêmicos e comportamentais. Ao integrar essas sugestões, busca-se criar um ambiente escolar que não apenas reconheça e aborde a violência doméstica, mas também promova uma cultura de respeito, empatia e apoio mútuo. Essa abordagem holística visa não apenas melhorar o desempenho acadêmico, mas também cultivar um ambiente educacional seguro e propício ao desenvolvimento integral dos alunos, independentemente de suas circunstâncias familiares.

Palavras – chave: Impacto; Violência domestica; Processo de ensino aprendizagem

ABSTRACT

The study addressed the impact of domestic violence on the teaching-learning process at School 6028, located in the municipality of Icolo Bengo, Luanda. The detailed analysis revealed that domestic violence transcends the boundaries of the home, exerting a significant influence on students' academic performance and emotional well-being. By validating the initial hypothesis, which postulated a correlation between exposure to domestic violence and low academic performance, the data collected confirmed that children facing this context present substantial challenges, such as difficulties with concentration and interpersonal relationships, reflected in lower academic results. . The objectives outlined at the beginning of the research, covering the identification of behavioral indicators, understanding the impact and proposing intervention strategies, were achieved. The results highlight the need for sensitive and targeted approaches, not only for students but also for educators. Intervention suggestions include the implementation of awareness programs, continuous training for teachers, formation of multidisciplinary teams, regular spaces for dialogue, preventive campaigns, partnerships with local organizations, constant psychosocial support, inclusion of transversal themes in the curriculum and monitoring of academic indicators and behavioral. By integrating these suggestions, we seek to create a school environment that not only recognizes and addresses domestic violence, but also promotes a culture of respect, empathy and mutual support. This holistic approach aims to not only improve academic performance, but also cultivate a safe educational environment conducive to the holistic development of students, regardless of their family circumstances.

Keywords: Impact; Domestic violence; Teaching learning process

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela e gráfico nº1 já teve conhecimento de alunos que possam estar sofrendo de violência domestica?	34
Tabela e gráfico nº2 na sua opinião, como a violência domestica pode afetar o desempenho adâmico dos alunos?.....	35
Tabela e gráfico nº3 conheces os possíveis sinais da violência domestica do aluno?	36
Tabela e gráfico nº4. Que sinais observaria um aluno que possa estar sofrendo de violência domestica?	37
Tabela e gráfico nº5 A escola desempenha um papel importante e identificar e apoiar alunos que estão sofrendo de violência domestica?	38
Tabela e gráfico nº6 Já recebeu formação ou orientação sobre como lidar com alunos que possam estar sofrendo de violência domestica?	39
Tabela e gráfico nº7 os professores deveriam receber mais formação sobre como abordar questões da violência domestica na sala de aula.....	40
Tabela e gráfico nº8 Sabe o que é a violência domestica?.....	41
Tabela e gráfico nº9 A violência domestica pode afetar o desempenho escolar do aluno?	42
Tabela e gráfico nº10 São consequências ou impactos da violência domestica no desempenho escolar do seu filho?	43
Tabela e gráfico nº11. conheces os sinais de alguém vitima da violência domestica?	44
Tabela e gráfico nº12. A escola realiza secções de sensibilização para os pais sobre como lidar com a violência domestica e seus impactos na educação?	45
Tabela e gráfico nº13 Relação com alunos.....	46
Tabela e gráfico nº14. A violação domestica pode afetar a vida escolar do aluno?	47
Tabela e gráfico nº15. Quais podem ser os possíveis impactos da violência domestica no desempenho escolar do seu filho?	48
Tabela e gráfico nº16. os pais deveriam proceder informações e recursos para compreenderem melhor o impacto da violência domestica no processo de ensino aprendizagem?.....	49
Tabela e gráfico nº17. A escola realiza sessões de sensibilização para os pais sobre como lidar com a violência domestica e seus impactos na educação?	50
Tabela e gráfico nº18. Sessões de sensibilização sobre a violência domestica sobre os alunos?.....	51

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I. FUNDAMENTAÇÃO TEORICA	5
1.1. Definições de termos e conceitos	5
1.1.3. Processo ensino	6
1.1.4. Aprendizagem	7
1.2. Contexto histórico da violência/bullying	8
1.3. Legislação angolana sobre violência escolar	9
1.4. As causas da violência	9
1.5. Tipos de violência	10
1.5.1. A violência física	11
1.5.2. A violência verbal	12
1.5.3. A violência psicológica	12
1.5.4. Violência social	13
1.5.5. Violência sexual	13
1.6. A Violência Doméstica E Os Danos Para Suas Vítimas	13
1.7. Violência à crianças e adolescentes	14
1.8. Contribuição da escola no fenómeno da violência doméstica	15
1.8.1. Problemas de conduta que afetam a aprendizagem em sala de aula.	18
1.8.2. As dificuldades de aprendizagem e violência domestica	19
1.9. O impacto da violência doméstica	20
1.9.1. Problemas comportamentais, emocionais e sociais	21
1.10. Programas de prevenção contra a violência a crianças envolvendo profissionais e famílias	23
1.11. Atitude do professor face violência domestica	26
CAPÍTULO II. METODOLOGIA DE PESQUISA	29
2.1. Tipo de pesquisa	29
2.2. Modelo de pesquisa	29
<u>2.3. Nível de estruturação de Métodos</u>	30
2.4. Técnica e Procedimentos	31
2.5. Instrumentos e Procedimentos de colheita de dados	31
2.6. População e amostra	32
2.7. Dificuldades encontrada	33
CAPÍTULO III. DISCUSSÃO E RESULTADOS	34
3.1. Inquérito aplicado aos Professores	34
3.2. Inquérito aplicado ao aluno (a)	41
3.3. Inquérito dos (a) pai/ mãe ou encarregado (a) de educação	46

CONCLUSÕES.....	52
SUGESTÕES.....	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	56
APÊNDECE	
ANEXO	

INTRODUÇÃO

A violência doméstica contra crianças constitui um grave problema social global presente em muitas crianças da localidade do município de Icolo Bengo província de Luanda comuna de Cabire, não só, mas em vários países desenvolvidos e em desenvolvimento. É caracterizada como uma questão de social, diante do impacto e das suas consequências no âmbito do processo de ensino aprendizagem.

Percebe –se que, a violência contra crianças é toda ação ou omissão – provocada por pessoa de maturidade física e psicológica mais adiantada – que venha a lhes provocar qualquer forma de dor. Até os 18 anos, as situações mais comuns de violência são classificadas como doméstica, intrafamiliar ou maus-tratos, que se caracterizam quando essa ação ou omissão é praticada por adulto ou adolescente com maturidade física e psíquica mais adiantada, que exerça sobre a vítima o papel de cuidador ou responsável, seja por paternidade, outro vínculo de parentesco, dependência, convivência, afeto ou confiança.

Habitualmente, a violência ocorre dentro das próprias casas – sendo os agressores mais frequentes os pais ou aqueles que ocupam seu lugar, seguidos por outros do núcleo de convivência da criança.

Para Lisboa, (2004) o fato da educação não dar conta do impacto da violência doméstica na vida das crianças, tem resultado em mau desempenho escolar, para além de estarem vivendo em um contexto de isolamento e silêncio totais, por nada mais confiar no adulto ao seu lado.

De acordo com (Lima, 2007)., a maior parte desta violência ocorre na sequência de conflitos sociais ocasionados pela pobreza, alcoolismo e desemprego como forma de justificar a sua autoridade diante destes problemas sociais. Outrossim, a violência contra criança e adolescente é protagonizada como justificativa para a reparação e disciplina do filho.

A violência doméstica contra crianças e adolescentes é um fenômeno cada vez mais crescente, marcado pela incapacidade que eles têm para se defender. Essa modalidade de violência envolve abusos físicos e psicológicos, abandono, exploração, deixando marcas não só no corpo da pessoa que sofre violência intrafamiliar quanto as que presenciam esses abusos podem apresentar graves problemas emocionais,

comportamentais e cognitivos, o que pode prejudicar sobremaneira a sua capacidade de socializar-se, de aprender e desenvolver relacionamentos positivos.

A violência doméstica é um fenómeno social enraizado na sociedade, daí a necessidade de encará-la como uma questão social que afeta de forma gravosa as suas vítimas, devido ao seu suporte na estrutura familiar e por representar um problema que normalmente ocorre no ambiente privado.

Diante da realidade exposta, reflete a seguinte questão:

- **Qual é impacto da violência domestica no processo de ensino aprendizagem dos alunos da 3ª classe. Estudo realizado na escola 6028 Município de Icolo Bengo, comuna de Cabire- 2022/2023?**

Hipótese

Segundo Baptista e Sousa (2011, p. 26), "as hipóteses são uma resposta prévia ao problema proposto e, habitualmente, são desenvolvidos com base em estudos anteriormente realizados de acordo com tema escolhido", pelo que a " hipótese deve justificar o trabalho da parte empírica da investigação" (Hill e Hill, 2002, p. 22).

H. A violência domestica contra crianças tem impactos negativos no processo de ensino aprendizagem da criança. "as crianças vítimas da violência doméstica perpetrada pelos pais e encarregados de educação passam sofrendo danos físicos e psicológicos a médio e longo prazos, com reflexões severas no seu intelecto, na socialização, na aprendizagem escolar, o que compromete futuras relações durante a sua vida adulta.

Objectivos

Numa investigação, o objetivo "constitui um enunciado declarativo que precisa as variáveis-chave, a população alvo e a orientação da investigação, indicando, consequentemente, o que o investigador tem intenção de fazer no decurso do estudo" (Freixo, 2011, p. 164)

Geral

Compreender o impacto da violência domestica no processo de ensino aprendizagem dos alunos da 3ª classe. estudo realizado na escola 6028 Município de Icolo Bengo Província de Luanda comuna de Cabire- 2022/2023

Específicos

Identificar a existência de casos de violência doméstica no processo de ensino aprendizagem dos alunos da 3ª classe. Estudo realizado na escola 6028 Município de Icolo Bengo, comuna de Cabire- 2022/2023

Descrever os impactos da violência doméstica no processo de ensino aprendizagem dos alunos da 3ª classe. Estudo realizado na escola 6028 Município de Icolo Bengo, comuna de Cabire- 2022/2023

Contribuir com sugestões de melhoria da situação de violência doméstica dos alunos da 3ª classe. Estudo realizado na escola 6028 Município de Icolo Bengo Província de Luanda comuna de Cabire- 2022/2023

Justificativa

O presente trabalho se justifica pelo índice de violência contra a criança vem crescendo a cada ano, pesquisas mostram que nos últimos anos o município de Icolo Bengo província de Luanda comuna de Cabire, tem se registado um crescente número de casos de agressão contra as crianças, tornam-se mais perigosos para com as vítimas.

A pesquisa se justifica, por sua importância na compreensão das relações entre professores e alunos diante da violência que é chegada até a escola, e de que forma isso implicará no processo ensino-aprendizagem desta criança. Pode também contribuir na sistematização de estudos relacionados ao tema, como um instrumento que auxilie as escolas a discutir sobre suas formas de atuação diante de casos de violência doméstica.

Desta forma, este trabalho pretende contribuir para desmistificar a violência doméstica na educação infantil, buscando compreender como a escola e professores vêm enfrentando tal problemática.

Percebe-se que os impactos da violência na infância deixam marcas que as crianças levam para sempre em sua vida. Por isso se torna extremamente importante investigar como a escola tem se posicionado diante deste tema, de forma mais específica, as escolas de Educação Infantil.

Limitação e delimitação da pesquisa

Segundo Cervo & Bervian (2002, p. 82), a tendência mais comum é a escolha de temas que, por sua extensão e complexidade, impeçam estudos em profundidade. Assim, após a escolha do tema, é necessário delimitá-lo. Estes autores afirmam que “delimitar o tema é selecionar um tópico ou parte a ser focalizada”

A pesquisa é limitada por tratar unicamente dos impactos da violência doméstica no processo de ensino aprendizagem e, delimitamos a pesquisa escolher a realização de estudo de caso na escola 6028, do município de Icolo Bengo província de Luanda comuna de Cabire.

A pesquisa compreende um espaço temporal de 2022 a 2023. O estudo inclui, professores, alunos e pais e/ ou encarregados de educação.

CAPÍTULO I. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. Definições de termos e conceitos

1.1.1. Impactos

A **palavra impacto** deriva do latim "impactus, a, um", que significa impulsionado contra. Choque ou colisão entre dois ou vários corpos: senti o impacto do acidente. O que produz um efeito muito forte em; abalo, repercussão; impacto emocional.

Colisão entre dois corpos, com a existência de forças relativamente grandes durante um intervalo de tempo muito pequeno, (Kapitiya, 2014, p.99).

Para Luck (2014, p.20), impacto é o Choque ou colisão entre dois ou vários corpos. Do latim tardio impactus, o impacto é o choque de um objecto contra algo, (Dicionario, Aurélio, 2012).

1.1.2. Violência domestica

A expressão violência tem sua origem no latim violentia, ato de violentar, constrangimento físico ou moral.ao qual se pode apresentar coação ou coerção psicológica, segundo (Rodrigues 2017).

Na literatura a violência é conceituada de diferentes formas, e além disso, podemos observar que o conceito do que é violência vem se modificando com o passar do tempo seja de sociedade em sociedade ou dentro de uma mesma sociedade, conforme observa (Martins e Jorge 2011)

Como salienta (Chauí 1999, p. 05-03)

A violência é um ato de brutalidade, sevicia e abuso físico ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão e intimidação, pelo medo e pelo terror.

A violência doméstica pode ser definida como sendo:

todo ato ou omissão, praticado por pais, parentes ou responsáveis contra crianças e/ou adolescentes que, sendo capaz de causar dano físico, sexual e/ou psicológico à vítima, implica numa transgressão do poder/dever de proteção do adulto e, por outro lado, numa coisificação da infância, isto é, numa negação do direito que crianças e adolescentes têm de ser tratados como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento (Azevedo e guerra, 2001)

Para Lima, trata-se da violência doméstica praticada pelos pais ou responsáveis, por meio de causação de danos físicos, sexuais ou psicológicos à vítima (Lima, 2007). Esta prática implica uma transgressão do poder ou dever de proteção do adulto ou coisificação da infância, isto é a negação do direito que a criança tem de ser tratada como sujeito e pessoa em condições especiais de desenvolvimento.

Por outro lado, para Azevedo e Guerra, o ato de violência doméstica pode assumir forma ativa e passiva (Azevedo; Guerra, 2008).

Entende-se que a violência física contra crianças e adolescentes é um ato que causa prejuízos físicos que podem variar de lesões simples aos graves, podendo ocasionar a morte (Lima, 2007).

Para Rosas e Cionek, o uso da força física como meio de educação da criança, pode ocasionar sofrimento físico e tem se usado bofetadas até espancamento letal (Rosas; Cionek, 2006)

Essas agressões também eram usadas como forma de corrigir a conduta comportamental da criança quando esta mostrar-se desviada e isso foi sendo institucionalizado até aos dias que correm, dependendo da cultura (Assis; Deslandes, 2006). Neste contexto da violência doméstica, agressões físicas e violações sexuais são consideradas casos mais reportados pelas vítimas ou seus familiares às entidades Policiais (Cndh, 2017).

Entende-se que a violência física contra crianças e adolescentes é um ato que causa prejuízos físicos que podem variar de lesões simples aos graves, podendo ocasionar a morte (Lima, 2007).

A violência doméstica consiste em uma condição de opressão que faz com que a pessoa adoça fisicamente e psicologicamente, aqui em especial para o momento, as crianças e os adolescentes. Essa condição compromete seu desenvolvimento humano, sobretudo, pelas implicações sobre o desempenho escolar (Cordeiro, Gomes et al., 2019).

1.1.3. Processo ensino

Para Masetto (2003) trata-se de um processo de aprendizagem realizado na sala, mas que não está escrito formalmente na secretaria. Trata-se de um processo

de aprendizagem realizado na sala, mas que não está escrito formalmente na secretaria.

Para Moreira (1999) esses processos possibilitam ao aprendiz ter atenção a cada parte da estimulação de maneira seletiva distinguindo e discriminando os estímulos externos atingindo objetivo que é construir uma informação, a aprendizagem.

Segundo Libâneo (1994, p. 91) “O processo de ensino, ao contrario, deve estabelecer exigências e expectativas que os alunos possam cumprir e, com isso, mobilizem suas energias. Tem, pois o papel de impulsionar a aprendizagem e, muitas vezes, a precede.

O ensino é a ação e o efeito de ensinar (instruir, doutrinar e amestrar com regras ou preceitos). Trata-se do sistema e do método de instruir, constituído pelo conjunto de conhecimentos, princípios e ideias que se ensinam a alguém.

1.1.4. Aprendizagem

Para Gagné (1965) aprendizagem é um estado persistente que pode ser chamado de capacidade e, como a palavra diz, estes estados tornam o indivíduo capaz de determinado desempenho

Para Ferreira (2019), a aprendizagem é uma combinação de capacidades anteriores que ficam acessíveis na memória em determinado momento, somando-se às construídas no momento presente, acrescentando assim as novas capacidades às iniciais

Coelho e José (1999) definem aprendizagem como o resultado da estimulação do ambiente sobre o individuo já maduro, que se expressa, diante de uma situação-problema, sob a forma de uma mudança de comportamento em função da experiencia.

Jardim (2001, p.66) define assim a aprendizagem: “A aprendizagem é uma modificação na disposição ou na capacidade do homem, modificação que pode ser retirada não pode ser simplesmente atribuída ao processo de crescimento”

Cruz (1986) em corroboração a Bordenave e Pereira (2006), cita que o processo de aprendizagem segundo Gagné depende de três elementos: um indivíduo que aprende, as situações estimuladoras que são determinadas mediante a seleção

sensorial e a ação interna que é resultado da atividade nervosa por meio de uma estimulação culminando na aprendizagem chamada de resposta

Segundo (Gagné 1980), o processo de aprendizagem pode ser identificado pelo professor em sala de aula quando ocorre na transformação de insumos em exsumos, isto é, pelo estímulo do ambiente ocorre uma modificação no comportamento do estudante.

1.2. Contexto histórico da violência/bullying

A violência sempre existiu com a educação, a cultura e a ética. Espera-se, no entanto, uma diminuição desta violência.

Entretanto, tratando-se de violência na escola, há que reconhecer que a estrutura psicológica é extremamente afetada, acarretando consequências mais ou menos profundas para a vítima, que a podem acompanhar ao longo da vida. Este é um tipo de comportamento que atualmente atinge proporções alarmantes e isto preocupa os governos de todos os Países, Agências das Nações Unidas, organizações não-governamentais e a sociedade em geral.

Castro, Cunha e Souza (2011, citados por Barros, 2012, p. 35), definem de forma abrangente o fenômeno da violência, afirmando que esta:

Não se restringe a agressões, inclui qualquer ato sobre a vida das pessoas e as regras de convívio. Ela interfere na sociedade, prejudica a qualidade das relações sociais, desgasta a qualidade de vida das pessoas e culmina em sofrimento. Tornou-se uma questão social e de saúde pública, tanto pelas consequências sociais como pelos gastos no atendimento às vítimas pelo setor de saúde, com impacto negativo em anos potenciais de vida perdidos.

Assim, “a violência é um mal a ser entendido sob uma ótica multifatorial e deve ser analisada por diferentes profissionais como professores, psicólogos e outros agentes educativos e técnicos de saúde e os pais”, comentam (Botelho & Souza, 2007, p. 59, cit. por Barros, 2012, p. 35). Mais especificamente, segundo Barros (2012, p. 36):

A violência começou a ser pesquisada por volta da década de 70 na Europa quando se descobriu o que estava por trás de tentativas de suicídio entre adolescentes. Sem receber a atenção da escola ou dos pais, que geralmente não davam importância às reclamações e ofensas, os jovens entendiam que não trariam

maiores consequências e passaram a recorrer a algumas medidas desesperadas, com o propósito de dar fim a longos períodos de sofrimento e humilhação sofridos pelos mesmos de forma permanente.

1.3. Legislação angolana sobre violência escolar

O Governo da República de Angola está a estudar uma política de combater a violência contra a criança em todo o território nacional. O grande desafio do Estado é a intervenção urgente nos setores de Educação, saúde, família e promoção da mulher, juventude e desportos e o setor da justiça, que merece igualmente a atenção, de maneira a que os petizes possam beneficiar dos seus direitos.

O governo está a reformar as atividades de prevenção para diminuir o impacto dos fatores de risco e aumentar a capacidade do Estado de proteger e garantir os direitos da criança. Dentro do Ministério do Interior, criaram-se brigadas escolares cujo objetivo é de intervenção, caso aconteçam casos de violência nas escolas entre adolescentes e não só.

A este propósito, Sá (2012, p. 48) declara:

Ainda é de salientar que a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança (1990) sublinha no seu artigo n.º 19.º, que os Estados têm por obrigação proteger a criança contra todas as formas de maus tratos e, por conseguinte, ela tem o direito fundamental de se sentir segura na escola, o que figura como base indispensável para uma aprendizagem feliz e harmoniosa.

Amado et al. (2002, p. 51, cit. por Sá, 2012, p. 51) destacam como “valores postos em causa nestas circunstâncias o respeito mútuo, a compreensão, tolerância, solidariedade, amizade, lealdade e a cooperação”.

1.4. As causas da violência

Não sendo alguns desses fatores completamente lineares e consensuais, servem, no entanto, para enquadrar (e entender) alguns dos atos levados a cabo pelos jovens na escola. Assim, podemos elencar causas/fatores de ordem individual, familiar, relacional, escolar, social e/ou cultural.

Ao nível da ordem social, podemos falar de desigualdade e exclusão social que é um dos fatores que leva um jovem a cometer atos violentos, isto porque os jovens estão numa posição secundária na sociedade e possuem menos possibilidades de trabalho, estudo e consumo e são vistos por outros e por si próprios como “inferiores”. Por isso, eles buscam respostas para as suas necessidades básicas, como uma maior

identidade, autoestima e proteção e assim a delinquência parece ser uma solução para os seus problemas em curto prazo (Abramovay et al., 1999).

Na linha de fatores de ordem individual, incidem, ainda, sobre os comportamentos de risco em que se verifica um consumo exagerado e repetido de substâncias aditivas, tais como tabaco, álcool ou drogas (Carvalhosa et al., 2001).

Também a divulgação de vídeos de violência na internet aumenta a “aprendizagem” da violência por parte do indivíduo.

Na linha de fatores de ordem familiar, podemos dizer que às vezes as razões de violência estariam ainda no défice de educação sociomoral, pró-social, recebida das figuras parentais e outros familiares significativos, em que os pais são muito permissivos, talvez mesmo negligentes, em relação ao comportamento dos filhos ou muito agressivos. Por isso, as famílias desempenham indubitavelmente uma importante função socializadora e moralizadora das crianças e dos jovens, pois, é neste núcleo que elas adquirem os modelos de conduta que usualmente exteriorizam. Por conseguinte, “Alunos que, por exemplo, estejam inseridos em núcleos familiares problemáticos (com modelos educativos deficientes) e que, por este motivo, convivam e sofram diariamente com atos violentos ou maus tratos encontram-se inevitavelmente numa condição de maior fragilidade e risco” (Azevedo, 2004, pp. 6-7, cit. por Sá, 2012, p. 54). Os métodos educativos adotados pelos pais podem potenciar comportamentos agressivos nos jovens.

Deste modo, Veiga (2001, pp. 160-161) assinala que:

A recorrente falta de tempo para dedicar aos filhos, a aplicação indiscriminada de práticas coercivas, de práticas disciplinares autoritárias e que se caracterizam pela inexistência de coerência na aplicação de castigos (não punição em algumas circunstâncias e excesso de repressão noutras) exacerba essas condutas agressivas hostis.

Devem, portanto, serem apontadas explicações associadas ao estatuto socioeconómico desfavorecido em que se insere o núcleo familiar, ao desemprego prolongado ou, em certos casos, a manifesta juventude e imaturidade educativa dos pais.

1.5. Tipos de violência

Existem vários tipos de violência, que se podem classificar-se em: violência física, verbal, psicológica, social e sexual. Suas causas podem variar, dependentemente de condições diferentes, tais como situações graves e

insuportáveis na vida do indivíduo, falta de responsabilidade pelos pais, pressão dos colegas, etc.

1.5.1. A violência física

Segundo Mynard e Joseph (2000, cit. por Sá, 2012, p. 59):

As formas diretas de vitimização – as que ocorrem “face-a-face” – podem manifestar-se mediante o recurso a ataques abertamente confrontacionais, ao passo que, por seu turno, as formas indiretas de vitimização se traduzem na utilização reiterada de ataques manipulativos secretos.

Assim, no que diz respeito a violência direta, as manifestações físicas refletem-se, por exemplo, em situações onde o agressor bate e pontapeia, ou retira valores. Poderíamos, ainda, acrescentar o puxar de cabelo, o beliscar, o arranhar, o empurrar, o rasteirar, o forçar a comportamentos sexuais, o obrigar a vítima a realizar tarefas servis contra a sua vontade, o roubar haveres, o extorquir de dinheiro (normalmente destinado às refeições) ou, mesmo, a danificação de material, sobretudo escolar.

No que toca à violência direta verbal, esta se traduz mais comumente no recurso ao insulto, ao praguejar, ao gozar, ao ameaçar, ao provocar, ao chamar nomes, ao atribuir de alcunhas desagradáveis, ao mentir, ao emitir comentários ofensivos dirigidos à vítima ou à sua família, ao recurso a reparos racistas e/ou que salientam qualquer defeito ou deficiência.

Já a violência indireta, é mais utilizada pelas raparigas, assume contornos encapotados, de teor mais subtil e complexo, e não menos marcantes para as vítimas, pois se, por um lado, são normalmente difíceis de reconhecer (sobretudo na perspetiva dos adultos), tornam, por outro lado, difícil a identificação e localização da fonte que esteve na sua origem (Olweus, 2010).

Esta forma de ofensa acontece quando um aluno espalha histórias com conteúdo negativo pela escola envolvendo a vítima, quando são lançados rumores maliciosos sobre os atributos e/ou condutas de alguém com vista a destruir a sua reputação, sempre que um grupo exclui sistematicamente um colega de um grupo ou não o escolhe para fazer parte de uma equipa ou de um jogo, ameaçando recorrentemente com a cessação de uma amizade, por via do envio e da circulação de emails, mensagens mal-intencionadas ou, até, imagens de telemóvel comprometedoras ou do visado em situações ridicularizadoras.

1.5.2. A violência verbal

É o tipo de violência mais habitual. Ultimamente, o telemóvel também se está a transformar num meio para realizá-lo. Consiste em insultos e, principalmente palavrões; desprezo em público, destaque de defeitos físicos, etc. Este é o tipo mais comum e, é a forma mais rápida para o agressor pôr à prova a sua capacidade de destabilizar a vítima e de a controlar.

1.5.3. A violência psicológica

A violência moral ou psicológica provoca sofrimento emocional intenso. Pode ser perpetrada de forma independente, sem violência física. Mas toda a violência física implica violência psicológica. Portanto, esta última é onnipresente e transversal em todas as experiências de vitimização.

Com efeito, segundo Serrate (2014, p. 21),

a componente psicológica está em todas as formas de maltrato. Normalmente, o maltrato psicológico acaba no maltrato físico. Trata-se de ações com intenção de minar a autoestima do indivíduo e fomentar a sua sensação de insegurança e medo. Neste tipo, o agressor manipula a vítima emocionalmente, fazendo-se passar por seu amigo chantageando-a, brincando com as suas fraquezas.

Ainda continua o mesmo autor (Serrate, 2014, p. 21) dizendo que:

Esta violência psicológica consegue que a vítima fique sempre dependente emocionalmente do agressor. Destroi a autoestima do indivíduo fomentando a sua sensação de medo. Em geral esta violência psicológica emocional é mais frequente entre as raparigas do que entre os rapazes.

Os comportamentos, atitudes e palavras de um adulto influenciam a formação da autoestima da criança. O ambiente familiar pode ter um impacto profundo, tanto para o bem quanto para o mal. Podem criar um ambiente em que a criança se sinta segura e salva, ou um ambiente de insegurança afetiva e de terror emocional. Pode colaborar no surgimento de uma autoestima saudável ou fazer tudo o que se possa imaginar para sabotar esse crescimento. Assim sendo, a violência psicológica leva geralmente a perda de autoestima por parte da criança.

Sendo esta a disposição da pessoa para se vivenciar com alguém competente e merecedor de felicidade. Um positivo conceito de si mesmo é necessário e essencial para uma vida de plenitude, sendo este sempre negativamente afetado pela violência psicológica; daí a gravidade desta forma, por vezes muito subtil, de violência.

1.5.4. Violência social

Este tipo de violência pretende isolar a vítima do resto do grupo e dos colegas. Trata-se, geralmente, de uma ação efetuada através de comentários, de abusos verbais, de insultos, de atitudes cruéis, de ameaças, de agressões, de ignorar totalmente a vítima e segui-la depois da escola até sua casa, tratá-la como escrava, etc. Também inclui a violência racial e religiosa.

1.5.5. Violência sexual

“É todo tratamento que implique contacto físico nas raparigas ou nos rapazes, sem o consentimento, gestos obscenos, pedidos de favores sexuais, excesso de relacionamento com companheiro ou companheira se este ou esta não quiser” (Serrate, 2014, p.21).

Ainda se entende por Violência sexual “as práticas eróticas e sexuais impostas à criança ou adolescente pela violência física, ameaças ou indução de sua vontade” (Fio, 2004, p. 23).

Abrapia (2008) considera violência sexual, situação em que uma criança ou adolescente é usado para gratificação de um adulto ou mesmo de outro adolescente com idade superior, baseado numa relação de poder e, incluindo desde manipulação da genitália, mama ou ânus, exploração sexual, orgasmo, pornografia, exibicionismo, até ao ato sexual com ou sem penetração. Elevando os efeitos de violência sexual tem-se, entre outras as seguintes consequências imediatas: lesões físicas gerais, lesões anais, lesões genitais, gestação ou gravidez indesejável.

1.6. A Violência Doméstica E Os Danos Para Suas Vítimas

É na relação em família que ocorrem os fatos mais expressivos da vida das pessoas, tais como a descoberta do afeto, da subjetividade, da sexualidade, a experiência da vida, a formação de identidade social. A ideia de família refere-se a algo que cada um de nós experimentamos, repleta de significados afetivos, de representações, opiniões, juízos, esperanças e frustrações.

Assim, falar de família é falar de algo que todos já experimentaram. É o espaço íntimo, onde seus integrantes procuram refúgio, sempre que se sentem ameaçados. No entanto, é no núcleo familiar que também acontecem situações que modificam

para sempre a vida de um indivíduo, deixando marcas irreparáveis em sua existência, uma dessas situações é a violência doméstica contra a criança e o adolescente.

1.7. Violência à crianças e adolescentes

Apesar da grande demanda de dados referentes à violência contra a criança e o adolescente, sabe-se que eles representam apenas uma pequena parte da realidade.

Segundo Martins e Jorge (2011) o conhecimento sobre a dimensão da violência anda escasso e não sendo possível saber a frequência exata de casos de abuso contra a criança e o adolescente.

Na visão de muitos autores, as estatísticas de mortalidade por exemplo do Sistema de Informação de Mortalidade (SIM), que é um sistema nacional de vigilância epidemiológica, cujo objetivo principal é captar dados sobre óbitos do país, representam na verdade apenas os casos fatais de violência, constituindo somente a ponta de um iceberg (Martins e Jorge, 2011).

Definida anteriormente por Rodrigues (2017, p. 42) e outros autores como “ato capaz de causar danos físicos e psicológicos, a violência em sentido estrito, caracteriza-se “pelo uso da força com vistas a exclusão, ao abuso e ao aniquilamento do outro”, podendo ser ocasionada por apenas um sujeito ou um grupo, um segmento social como a família ou por um país conforme exemplifica Martins e Jorge (2011).

Em 2019, a Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco) publicou dados sobre as maiores causas de violência doméstica no Brasil, considerando as traumáticas que invadem as escolas e assim atingem toda a sociedade.

A violência sexual que além do abuso, abrange a violência física, emocional e a negligência, são as mais comumente cometidas e denunciadas, e nesta perspectiva também que se nota a probabilidade de que uma, entre quatro crianças, sofra os pavoros da violência doméstica de alguma forma e, a medida em que crescem, também se torna comum a violência entre os colegas como o bullying, brigas, violência sexual e agressão, muitas das vezes, até com armas de fogo e armas brancas.

Sabe-se que o autoritarismo dos pais, as punições, o castigo, físico ou psicológico, e as agressões estão associados aos danos no desenvolvimento de crianças e adolescentes (Malta et. al. 2019).

A literatura especializada registra ainda que estão associados à violência contra o adolescente vários tipos de problemas, como queixas psicossomáticas, depressão, isolamento, pior desempenho escolar, problemas de aprendizagem, exposição a bullying, e uso de substâncias. Contudo, ainda são pouco exploradas as relações entre violência e aspectos como o trabalho infantil, escolaridade dos pais, situação familiar, dentre outros (Malta, et. al., 2019).

Sobre os números referentes a 2019, o jornal online O Globo divulga que nos primeiros quatro meses houve um total de 4.736 casos referentes à violência sexual. Este ano estima-se proporções ainda maiores, visto que, com a pandemia do novo coronavírus (Covid – 19), as crianças e adolescentes tendem estar mais tempo em suas casas, junto de seus familiares.

Estão sendo investigados casos de violência doméstica neste ano de 2020, visto que por meio de relatos aleatórios e nas mídias de comunicação, a violência doméstica cresceu drasticamente devido a pandemia. Estes estudos ainda não têm uma conclusão, nem dimensão dos resultados no momento, mas fica registrado aqui, que brevemente estes números serão revelados e só assim poderemos comprovar novos índices por uma nova realidade que a humanidade está enfrentando.

Para Lima e Oliveira (2019), no cenário brasileiro, composto pela desigualdade social, a violência aflora como uma das mais cruéis expressões sociais. Isso porque atinge todos os níveis e faixas etárias, e assim sendo, desfavorece a juventude que, não poucas vezes, tem ponto final em sua história de vida marcado pela violência letal, ou então, tem grandes prejuízos sociais aparentes e irreparáveis a curto e longo prazo impactando vários aspectos de sua vida.

1.8. Contribuição da escola no fenômeno da violência doméstica

Aqui serão apresentadas algumas formas de enfrentamento a violência doméstica, possíveis através da escola, para que esta seja um espaço de prevenção e proteção ao jovem estudante.

Ao fazer uma retrospectiva da educação brasileira, nota-se que em cada momento da história, isso desde o século passado, a criança e a educação passam por momentos de desenvolvimento e que as concepções e expectativas sobre estas, ao se modificarem, influenciaram em muitos aspectos sociais.

A partir do início do século XX, a adolescência passou a ser foco de estudos contínuos, que progrediram desde a ideia de se considerar somente os problemas surgidos com o acordar da genitalidade, até o estudo do pensamento e suas estruturas que estabelecem para o adolescente um lugar no mundo de valores do adulto. Áreas como Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise buscam compreender e descrever o que significaria para esses sujeitos a crise existente nesse momento de seu desenvolvimento e porque seria ela acompanhada de tanto sofrimento, de tanta contradição e de tanta confusão (Medeiros, 2018, p.61).

Hoje, a partir destes estudos podemos contar com explicações científicas sobre comportamento, e também temos legislações específicas que visam garantir o pleno desenvolvimento da criança e do jovem, incluindo direitos como a proteção de sua integridade física e a aprendizagem.

A legislação, portanto, tem sua existência inspirada na doutrina de proteção integral, que passa a entender a criança e o adolescente como sujeito de direitos, credores de uma proteção integral, agregando responsabilidade à família, à sociedade e ao Estado.

Afirma Elsen et. al (2011) em seu estudo voltado à proteção da criança e do adolescente na escola e a revelação da violência doméstica:

A escola surge como um espaço propício ao desenvolvimento de conhecimentos, atitudes e práticas que promovam a educação e a saúde das crianças e dos adolescentes – ela também exerce papel fundamental na proteção contra violências e outros danos, em especial, na revelação da violência doméstica (Elsen et. al, ,2011, p 311).

Segundo Elsen et. al (2011), isso decorre pelo fato da escola ser um ambiente que favorece as relações de proximidade, afeto e confiança entre as crianças e os seus e entre as crianças e os professores. O contato diário e o respeito mútuo que possibilita que a criança confie e conte sobre a violência que acontece em seu lar.

Pela legislação brasileira, a escola deve ser um espaço seguro, que garanta proteção à criança e ao adolescente, e neste caso deve garantir alguns requisitos que garantam um ambiente seguro, fisicamente e emocionalmente.

Portanto quando o educador percebe sinais de maus tratos e suspeita de violência contra a criança e o adolescente ele tem o dever de agir, no intuito de garantir a proteção daquele que precisa.

Corroborando nesta perspectiva, Conceição (2020) discorre que a escola por meio da educação possui papel fundamental na discussão, enfrentamento e conscientização, para que padrões sejam desconstruídos através da informação multidisciplinar, desenvolvendo estratégias que impliquem nas causas e não somente nas consequências da violência, aumentando o potencial do combate e prevenção a qualquer abuso contra a criança e o adolescente, e qualquer outra categoria que seja vulnerável.

Para que a escola seja de fato um espaço que possibilite aos seus usuários maior perspectiva de educação, são necessárias algumas medidas segundo Elsen (2011, p. 312):

- a- Instrumentalizar os professores e funcionários sobre o tema da violência, seu reconhecimento e o papel da escola na descoberta e no direcionamento;
- b- Tornar explícito o compromisso da escola com a prevenção da violência doméstica contra crianças e adolescentes, visando às denúncias, ao acompanhamento, à proteção da criança ao tratamento com os pais;
- c- Família: Estruturar-se internamente para exercer esse compromisso diário com todos os professores e funcionários, a fim de obter um serviço de apoio para as crianças;
- d- Tornar explícitas suas relações com os órgãos de defesa das crianças que compõem a rede formal de defesa dos direitos da criança e do adolescente;
- e- Especificar o papel dos professores e funcionários na notificação da violência doméstica contra a criança e o adolescente e, também, na comunicação com a família.

Assim sendo, a prevenção se torna prioridade, antes de qualquer intenção de intervenção. Como objetivo, fica claro que a identificação e a correta forma de proceder.

Os profissionais que lidam com a violência doméstica devem se comprometer-se também, conforme Assis e Ferreira (2012) a realizar encaminhamentos necessários para minimizar e monitorar suas ocorrências.

Neste conceito, os profissionais da educação devem atuar como aliados para auxiliarem na detecção e interferência nos casos, porque estes têm um contato diário, e estabelecem com a criança um grande vínculo afetivo, por este também ser papel da escola. Mas todo profissional que lida com crianças e adolescentes devem estar

atentos a qualquer sinal, independentemente de sua área de atuação pode estar atendo aos sinais de possíveis ocorrências de maus tratos.

1.8.1. Problemas de conduta que afectam a aprendizagem em sala de aula

Segundo Coll (et al. 2010) afirmam que problemas de conduta são muito frequentes na infância e adolescência.

Além disso o autor afirma também que meninos são vistos como mais problemáticos que as meninas, principalmente porque colocam mais problemas de ordem e disciplina na família e na sala de aula conseqüentemente. Estes problemas, que inicialmente aparecem na infância, com o decorrer da idade deste sujeito, logo adolescente, podem mudar de função, agravando no sentido de prejudicá-lo ou normalizando no sentido de ser considerado normal de certa idade.

Uma das classificações para estes problemas de conduta da criança em sala de aula, que muitas vezes segundo o autor são decorrentes da violência são os problemas emocionais. Eles podem se manifestar na escola em forma de ansiedade, angústia, tristeza, retraimento social, choro excessivo, dificuldade de estabelecer relações satisfatórias, desinteresse por aprender, dificuldades para se concentrar, mudanças no rendimento escolar e relações não favoráveis com os professores e colegas (Coll et al, 2010, p115).

A vítima de abusos físicos, psicológicos, morais e/ou sexuais é vista por cientistas como indivíduo com mais probabilidades de maltratar, sodomizar outros, enfim, de reproduzir, contra outros, as violências sofridas, do mesmo modo como se mostrar mais vulnerável às investidas sexuais ou violência física ou psíquica de outrem (Saffioti, 2015, p.18).

Conceição (2020) nota que, no que diz respeito ao aproveitamento escolar da criança e da adolescente vítima de violência doméstica, na grande maioria das vezes é prejudicado. Isso acontece por inúmeras questões que permeiam o problema como: baixa-autoestima, falta de concentração, medo, insegurança, desorganização interna espacial.

Com isso é inviável que quando mais grave e sucessiva for a violência maior será o comprometimento, em especial na aprendizagem, porque como já discutido, grande parte das dificuldades provém de questões

“emocionais”.

1.8.2. As dificuldades de aprendizagem e violência doméstica

De acordo com Coll et al. (2010) os alunos com dificuldades de aprendizagem, em relação aos que não tem, com mais probabilidade apresentam problemas emocionais e falta de habilidades sociais. O déficit nas habilidades sociais e os problemas pelos quais a criança passa fora da escola é uma hipótese correta para os autores em termos genéricos.

Os problemas emocionais podem dar lugar a falta de concentração a diminuição do interesse escolar e o baixo rendimento, pois a falta de habilidade social decorrente da violência doméstica, que priva a liberdade de emocional pode dar lugar a dificuldades na relação com o educador e com os iguais, o que dificulta o processo de aprendizagem.

Outra razão aparentemente influente, foi avaliada por Preto e Moreira (2012) em um estudo sobre autorregulação da aprendizagem em crianças e adolescentes, filhos de vítimas de violência, no caso, as mães destes.

Ao testar a hipótese de este grupo apresentar níveis mais baixos nas dimensões da autorregulação da aprendizagem e ao analisar variáveis, além de dados relevantes sobre a aprendizagem das crianças e adolescentes, constatou-se que a violência na maioria das vezes é extensível aos filhos, evidenciando violência física, mas que muitas vezes os conceitos de violência não são claros acerca do comportamento abusivo, e que as famílias aceitam essas condições por geralmente acreditarem que estão errados e “merecem” esta condição.

Ainda segundo o mesmo estudo, realizado em Portugal, citado acima, Preto e Moreira (2012), uma das questões investigadas foi o nível de escolaridade dos filhos das vítimas, em que também se constatou que estas crianças, estudantes do Ensino Fundamental, em sua maioria se encontram em um nível inferior ao esperado para sua idade, além de uma média de rendimento acadêmico, abaixo de filhos de não vítimas.

O rendimento acadêmico neste caso é considerado um fenômeno multifatorial, cujo a autorregulação da aprendizagem é apenas um dos fatores envolvidos.

Quando se trata de violência doméstica, os agressores também costumam contar com um aliado bastante influente, que é o silêncio da vítima.

Segundo Rosas e Cionek (2006) na maioria dos casos o silêncio é assegurado por medo, vergonha, sentimento de culpa, por parte do agredido e este é mais um dos princípios que podem causar danos irreparáveis no desenvolvimento físico e psíquico de crianças e adolescentes. Muitas das vezes, por se tratar de um fenômeno polêmico que desestrutura a família, acaba sendo difícil a constatação, ficando assim camuflado entre quatro paredes.

Outro dado relevante citado por Azevedo e Guerra (2001), existem alguns indicadores orgânicos na criança e adolescente demonstram quando estão sendo violentados e entre eles a dificuldade de aprendizagem aparece, além de desconfiança de adultos, comportamentos extremos, mudanças severas de humos, receio dos pais, fuga de casa, tentativa de suicídio entre outros.

Deste modo os autores nos levam a uma profunda reflexão sobre um olhar atento e comprometido para prestar auxílio, um encaminhamento adequado para um diagnóstico preciso.

São muitas as evidências que deixam claro que este problema existe e está presente na vida das crianças e adolescentes nos dias de hoje, dificultando o avanço do desenvolvimento escolar e também na vida destes.

Os resultados apresentados nestes casos, nos deixam ainda mais expostos diante da necessidade de estudo e elaboração de estratégias preventivas, que promovam o combate da violência doméstica, não só no sentido de diminuir os danos causados na aprendizagem escolar, mas que possamos ser solidários com nossas crianças e adolescentes que antes de estudantes são seres humanos.

1.9. O impacto da violência doméstica

Todas as crianças vivenciam risco. Contudo, as que vivem em contextos de violência, confrontam-se com os riscos de forma mais frequente. Como já contextualizado, existem diversos tipos de violência, como a exposição a acontecimentos traumáticos, negligência, mau trato físico direto ou perca de um ou ambos os pais/cuidadores.

Podemos distinguir os problemas na infância associados à exposição de contextos de violência doméstica em três grandes categorias, Huges et al, 2001;

1.9.1. Problemas comportamentais, emocionais e sociais

Níveis mais elevados de agressividade, hostilidade, comportamentos de oposição e desobediência, dificuldades na resolução de conflitos e gestão da frustração, aceitação do recurso «a comportamentos e atitudes violentas, crenças em estereótipos rígidos de género e à “supremacia/poder” masculino; ansiedade, medo, isolamento, depressão.

Problemas cognitivos

Dificuldades no funcionamento cognitivo (incluindo atenção/ concentração, memória), baixa competência na resolução de problemas e fraco desempenho escolar.

Problemas de longo prazo

Níveis mais elevados de depressão na fase adulta, sintomatologia traumática, aumento da tolerância para com a violência e recurso a esta nas relações interpessoais.

Segundo Sousa (2013) os efeitos da violência doméstica em crianças e jovens podem ser de diferente natureza - físicos, emocionais, sociais, entre outras. Os efeitos físicos da violência doméstica podem ser:

- Traumatismos diversas resultantes de agressões, por vezes com danos permanentes ou mesmo fatais;
- Perturbações do sono, incluindo medo de dormir sozinho/a;
- Pesadelos e insónias;
- Baixo nível de higiene pessoal;
- ☐ Dores de cabeça ou de estômago;
- ☐ Cansaço crónico.

Segundo Zanoti - Jeronymol et al, crianças expostas a violência doméstica são mais agressivas com os seus pares assim como apresentam mais problemas de saúde, comportamentais e emocionais, na infância. Estas consequências, observáveis nas crianças, refletem-se em elevados estados de ansiedade, distúrbios psicológicos (depressão, ansiedade e abuso de substâncias) na idade adulta.

Estes comportamentos podem agravar-se ainda mais, enquanto adultos, nos relacionamentos íntimos, também através da violência ou ainda na relação com os filhos.

O impacto da VD nas crianças e jovens depende do tipo de abuso, idade em que ocorre, a frequência e duração do mesmo, de quem parte (agressor) e a relação existente entre vítima e agressor, assim como experiências abusivas interpessoais não familiares e extrafamiliares.

Estas últimas podem ajudar, inclusivamente na procura de estratégias de prevenção, junto da comunidade (a começar pelas escolas) e/ou programas de intervenções, igualmente junto da população (Jeronymo et al, 2009)

A família devia, supostamente, promover às crianças e jovens o bem-estar essencial ao seu desenvolvimento pleno e integrado (afeto, boa relação familiar, diálogo e estímulos positivos, entre outros) e não se constituir como um espaço de terror e medo.

As crianças expostas à violência doméstica têm mais probabilidades de terem fracas perceções sobre si próprias e evidenciarem problemas de comportamento (Jaycox e Repetti, 1993).

Neste estado de desenvolvimento as crianças veem os seus pais como modelos, aprendendo com eles que a violência é uma forma apropriada para a resolução de conflitos nas relações interpessoais (Jaffe et al, 1990).

As crianças passam a identificar-se com o progenitor do mesmo género, aprendendo qual a função do homem e da mulher na sociedade, todavia nesta situação em concreto, esta aprendizagem é distorcida, dado ao contacto habitual que têm com a exposição à violência (Cunningham & Baker, 2007).

Os adolescentes expostos à violência adotam comportamentos delinquentes, fugas de casa, depressão e ainda comportamentos autodestrutivos, como as tentativas de suicídio (Sani, 2012). É também frequente a projecção dos modelos familiares em relações quando adultos, por não conhecerem outros modelos (Jaffe et al, 1990). Esta projecção não escolhe género.

No entanto, a externalização dos comportamentos ou do impacto dessa violência, ocorre, de forma diferente entre rapazes e raparigas. Os rapazes são mais agressivos e as raparigas, mais ansiosas e depressivos, como anteriormente atestado.

Os técnicos que trabalham com crianças e jovens no contexto social, deverão estar atentos aos sinais que as mesmas mostram, visto nem sempre os seus relatos correspondem à realidade. Assim, de acordo com Guerra e Azevedo (2001), citados por Rosas e Cionek (2007), crianças e jovens, demonstram, não só pela voz, mas através da sua linguagem corporal, de ações ou de comportamentos, que algo não corre bem.

Assim, alguns dos indicadores orgânicos observáveis são: a desconfiança de contatos com adultos; alertas porque esperam constantemente que algo corra mal; mudanças severas e frequentes de humor; demonstração de receio dos pais (permanece na escola o maior tempo possível); apreensão quando outras crianças começam a chorar; demonstração de comportamentos extremos: agressivo, destrutivo, excessivamente tímido ou passivo ou submisso; dificuldades de aprendizagem não atribuíveis a problemas físicos (Sousa, 2013 & Rosas e Cionek, 2007).

1.10. Programas de prevenção contra a violência a crianças envolvendo profissionais e famílias

Em concordância com as propostas acima descritas, Rocha e Moraes (2011) visaram estimar a prevalência e caracterizar a violência familiar contra crianças. Foi percebido que há uma grande adesão ao Programa e isso pode ser visto como um ponto facilitador à inclusão de ações direcionadas à discussão do tema com as famílias na rotina das equipes de saúde da família.

Os resultados apontaram que as prevalências de maus-tratos à criança, nos diversos matizes e graus de gravidade indicam que os atos violentos são práticos comuns nas relações entre pais e filhos.

Além disso, em média uma em cada cinco crianças eram vítimas de maus tratos físicos graves, como espancamentos, queimaduras e ameaças com faca ou arma. São apontadas as possibilidades de contribuição do Programa de Saúde da Família no enfrentamento da questão. Segundo os autores, do ponto de vista das ações preventivas, o papel do PSF é incomensurável.

As equipes de saúde estão muito próximas das famílias, seu alvo de atuação. Bem capacitadas, poderão identificar aquelas mais vulneráveis às relações violentas

em seu cotidiano e criar protocolos de vigilância e de monitoramento para as de maior risco.

Paixão e Deslandes (2011) verificaram as ações municipais da saúde para a garantia do atendimento à população infantojuvenil vítimas de violência sexual no Rio de Janeiro. Sobre as avaliações dos serviços na área da saúde de atendimentos a crianças e adolescentes vítimas de violência e seus familiares são evidenciadas várias lacunas: que nem todos possuem e equipes multidisciplinares; tampouco suas equipes destinam sua carga horária integralmente ao serviço; predomina o enfoque na díade criança-mãe agressora, pouco abordando sistemicamente a família em suas dinâmicas. Também se constata problemas de articulação intrassectorial para garantir atendimento psicoterápico de mais longa duração e os de dependência a substâncias. Verificam-se ainda problemas de comunicação e circulação da informação entre serviços de saúde e Conselhos Tutelares.

Um estudo de Mikton e Butchart (2009) fez uma revisão sobre revisões sobre intervenções de prevenção realizadas com crianças que foram maus tratadas. Foi visto que visita domiciliar, educação parental, prevenção de trauma de abuso e intervenção de multi componentes tem resultados promissores na prevenção de maus tratos infantis, apesar de ter metodologia fraca.

O estudo de Barbosa e Pegoraro (2008) visou analisar a atuação do psicólogo hospitalar diante de situações de maus-tratos cometidos pela mãe contra seu filho.

Foi realizada uma revisão da literatura a fim de mostrar a importância do profissional de saúde, mais especificamente do psicólogo hospitalar, na conquista de um olhar diferenciado para a díade, o que significa que o psicólogo deve estar atento para todas as faces e nuances que a relação mãe/filho pode assumir.

Foi concluído que um trabalho diferenciado junto à mãe deve ser realizado pelo psicólogo, que envolva um diálogo efetivo, buscando a construção de alternativas que não o uso da violência como forma de educação ou resolução de conflitos; a promoção da qualidade do vínculo mãe/criança, que pode ser um trabalho realizado já no acompanhamento pré-natal, e que deve se estender ao puerpério, e a todo o acompanhamento do desenvolvimento da criança; o trabalho da autoestima dessas mulheres, já que, muitas vezes, são elas as principais responsáveis pela criação dos filhos, o que significa uma carga pesada de responsabilidade e cobrança, muitas

vezes, elas não têm uma boa formação escolar, nem sempre trabalham, ficando sua identidade e valor estritamente relacionados ao cuidado com o lar, a família e os filhos; assim como o favorecimento do estabelecimento de uma rede social significativa que possa atuar não só como fiscalizadora das atitudes violentas, mas também como um fator de proteção para essas atitudes.

Ferreira e cols (1999) discutem os procedimentos adotados no Ambulatório de Atendimento à Família do Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira, hospital pediátrico da Universidade Federal do Rio de Janeiro que representam formas de atuação no nível de prevenção terciária da violência contra crianças.

O trabalho propõe que para a prevenção primária e secundária, seria importante contar com ações em nível comunitário que viessem a modificar as condições geradoras da violência e permitissem a inserção da atuação hospitalar num contexto que trabalhasse o tema de forma global.

Um estudo de Higareda-Almaraz e cols (2011) teve como objetivo avaliar a atitude de pais sobre o impacto de educar com igualdade os filhos pré-escolares para prevenir o abuso sexual infantil com uma estratégia educativa participativa. Se percebeu, pelo estudo, que depois da intervenção se encontrou maior aprendizagem com mudança de atitude dos pais frente a prevenção de abuso sexual infantil.

Por fim, um estudo ressaltou a necessidade de um programa de transição para a parentalidade (Murta e cols, 2011). O estudo foi realizado em duas etapas, chamadas de “Estudo 1” e “Estudo 2”. O primeiro teve como objetivo identificar os sentimentos vivenciados por pais e mães após o nascimento do primeiro filho, as dificuldades no ajustamento à vida familiar e as estratégias de enfrentamento usadas para promover a adaptação do casal aos novos papéis familiares.

Como resultado foi indicado que o enfrentamento às mudanças deve começar cedo, a partir de um planejamento anterior à gestação, no seu início ou durante o seu curso, acerca dos recursos e meios necessários para os cuidados futuros com o bebê e a nova vida familiar. Logo, uma implicação deste dado é que os programas de transição para a parentalidade devem ter início precoce, ainda na gestação. Isto está em acordo com achados de Honig e Morin, 2001 (citado por Murta e cols, 2011), que encontraram evidências de maior efetividade de programas de intervenção com início nesse momento, em comparação aqueles iniciados após o nascimento do bebê.

O estudo 2 foi conduzido com o objetivo de avaliar estressores envolvidos na transição para a parentalidade, estratégias de enfrentamento adaptativas e não adaptativas utilizadas por pais e mães para lidar com os mesmos, o conhecimento do casal sobre as capacidades sensoriais do bebê e o tipo de apego e de práticas educativas parentais vivenciadas na relação com os próprios pais, entre casais cujo primeiro filho era recém-nascido, de modo a delinear focos para uma intervenção individualizada em contexto de visita domiciliar.

O estudo sugere que a qualidade da interação pais-bebê, as práticas educativas parentais, a satisfação conjugal, as habilidades sociais conjugais e a incidência de violência contra a criança e conjugal seriam indicadores úteis para a avaliação de resultados e o impacto de programas para famílias na transição para a parentalidade.

1.11. Atitude do professor face violência domestica

A escola pode representar para algumas crianças um lugar de normalidade calmante e proporcionar-lhes um alívio tal que demonstram uma alegria de viver particular. As crianças passam uma parte considerável de seu tempo na escola. O professor não deve apenas transmitir conhecimentos às crianças, mas também promover o seu bem-estar físico, mental e social e reagir caso perceba sinais de perigo.

Como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo [...]. Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição.

Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. [...] Não posso ser professor a favor de quem quer que seja e a favor de não importa o quê. [...] sou professor a favor da liberdade [...] sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação [...]. Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo (Freire, 1997, p. 110)

Em muitas circunstâncias, as crianças confiam mais nos professores do que em seus familiares, uma vez que na escola, elas têm menos medo de não acreditar. Ao mesmo tempo, a questão que preocupa as crianças é como o professor vai lidar com as informações que lhe dão sobre a violência em sua família e quais as consequências para elas. Temem, por exemplo, que sejam afastadas de suas casas e que lhes será

negado qualquer contato com seus pais. Eles não sabem que tais medidas drásticas são raras.

Para Almeida, et al (2010, p. 10):

[...] a necessidade dos educadores compreenderem que sua atuação não pode ser neutra, que sua atuação não deve ser a favor do nada. É preciso romper com esse ciclo de violências, de crueldade e de opressão. Superar a ideia de que a relação do educador-educando se dá meramente através da transmissão do conhecimento erudito. É preciso que os educadores compreendam os educandos a partir do meio em que são inseridos desenvolvendo suas atividades para a promoção de uma Educação que promova a paz, a liberdade e o respeito às diferenças (Almeida, 2010, p.10).

Ficar preso em casa com a família durante a COVID-19 pode ser perigoso para crianças em famílias instáveis, e uma nova ferramenta online está oferecendo recursos para professores que temem que seus alunos sejam abusados ou negligenciados (Linhares; Enumo, 2020).

Antes da pandemia, professores e conselheiros escolares costumavam estar entre os primeiros adultos a notar mudanças incomuns nos alunos - um possível sinal de que algo estava errado em casa. Agora, com a escola ensinada virtualmente e menos tempo 'cara a cara' entre professores e alunos, os especialistas em bem-estar infantil temem que a violência doméstica não seja detectada. Compreendemos por violência:

[...] uma realização determinada das relações de forças, tanto em termos de classes sociais, quanto em termos interpessoais. Em lugar de tomarmos a violência como violação e transgressão de normas, regras e leis, preferimos considerá-la sob dois outros ângulos. Em primeiro lugar, como conversão de uma diferença e de uma assimetria numa relação hierárquica de desigualdade, com fins de dominação, de exploração e opressão. Isto é, a conversão dos diferentes em desiguais e a desigualdade em relação entre superior e inferior. Em segundo lugar, como a ação que trata um ser humano não como sujeito, mas como coisa. Esta se caracteriza pela inércia, pela passividade e pelo silêncio de modo que, quando a atividade e a fala de outrem são impedidas ou anuladas, há violência (Chauí, 1985, p. 35).

Ouvimos dizer que algumas crianças estão lutando contra o tédio ou por não poderem brincar com os amigos. Outras crianças estão em famílias onde enfrentam escassez de alimentos, doença mental dos pais que está sendo exacerbada.

A escola é uma grande fuga para eles, e isso foi levado embora. Embora os professores possam não ter o mesmo tempo individual com os alunos, Linhares e (Enumo 2020) comentam que as conversas por telefone ou online ainda podem incluir sinais de alerta. Uma das maiores bandeiras vermelhas: um aluno de repente se torna impossível de alcançar.

Para (Levandowski et al. 2021), os professores também devem prestar muita atenção ao comportamento de seus alunos e estar alerta para qualquer mudança preocupante: Qual é a atitude deles quando estão falando com você? Você está sentindo tensão, comportamentos hesitantes ou relutância em falar?

Portanto, é necessário um trabalho de sensibilização sobre este assunto: as crianças devem estar cientes de que muitas crianças e suas famílias são afetadas pela violência doméstica, que ela não pode ser tolerada de forma alguma e que existem vários serviços capazes de lidar com ela.

De acordo com (Miranda e Ferraz 2020), é crucial explicar às crianças afetadas o que acontecerá no futuro, por exemplo, depois que confienciarem a um professor ou a intervenção da polícia.

Os professores proporcionam um contributo decisivo no combate à violência doméstica e na detecção precoce de casos, ao disponibilizar informação sobre o tema e sobre as ofertas de apoio e ao perceber os sinais de perigo com antecedência suficiente para a tomada de medidas adequadas à proteção da criança.

A disposição de um professor em ouvir a história de uma criança pode fornecer a base para aumentar a resiliência e a força pessoal. A assistência mais significativa que os professores podem oferecer às crianças expostas à violência é um ambiente seguro e confortável onde as crianças podem conversar. Os alunos podem falar sobre a exposição à violência de uma vez ou em partes e "testar" as respostas do professor.

A primeira responsabilidade do professor é seguir as políticas e procedimentos da escola e encaminhar a criança a profissionais especializados, como a assistente social ou psicólogo da escola (Linhares; Enumo, 2020).

Os especialistas concordam que o relacionamento de uma criança com um adulto carinhoso é fundamental para desenvolver resiliência e iniciar o processo de cura. É muito importante, conforme Santos, Schmidt e Cunha (2020), que os alunos tenham a oportunidade de falar sobre o que testemunharam e como se sentem com professores atenciosos que podem ouvir e compreender.

Outra prioridade importante para os professores é criar um local emocionalmente seguro para todas as crianças aprenderem. Esses espaços seguros permitirão que as crianças que foram expostas à violência comecem sua jornada de cura.

CAPÍTULO II. METODOLOGIA DE PESQUISA

Segundo Martins (2017 p. 45) “metodologia é o conjunto de métodos, organizados de forma lógica e que servem de instrumentos para a pesquisa científica”. Ou seja, metodologia quer dizer explicação minuciosa, rigorosa e exata de toda a acção desenvolvida no método.

2.1. Tipo de pesquisa

O tipo de pesquisa escolhida é descritivo e ao mesmo tempo bibliográfica conforme justificam os autores abaixo.

Vergara (2000, p. 47) argumenta que a pesquisa descritiva expõe as características de determinada população ou fenômeno, estabelece correlações entre variáveis e define sua natureza. “Não têm o compromisso de explicar os fenômenos que descreve, embora sirva de base para tal explicação”. Cita como exemplo a pesquisa de opinião.

Quanto que a pesquisa bibliográfica “trata-se do levantamento de toda a bibliografia já disponível em forma de livros, revistas e publicações avulsas e imprensa escrita” (Marconi e Lakatos, 2011, p.43).

2.2. Modelo de pesquisa

O estudo assume uma natureza qualitativa e quantitativa, a qual “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc” (Silveira; Córdova, 2009, p. 31). Suas principais características são: “objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural” (idem, 2009, p. 32).

De acordo com Bogdan & Biklen (2003), o conceito de pesquisa qualitativa envolve cinco características básicas que configuram este tipo de estudo: ambiente natural, dados descritivos, preocupação com o processo, preocupação com o significado e processo de análise indutivo.

Para Mattar (2001), a pesquisa quantitativa busca a validação das hipóteses mediante a utilização de dados estruturados, estatísticos, com análise de um grande

número de casos representativos, recomendando um curso final da ação. Ela quantifica os dados e generaliza os resultados da amostra para os interessados.

3.3. Nível de estruturação de Métodos

“instrumento de investigação é um conjunto de processos de que se serve uma ciência ou acto, ou seja, habilidade para usar este preceito ou normas, a parte prática” (Gil, 2002 p.14). Mas, obviamente deve ser compatível com os métodos e paradigmas epistemológicos adotados na pesquisa. De salientar, toda ciência utiliza inúmeras técnicas para obtenção de resultados.

Ao longo da feitura do nosso trabalho de pesquisa utilizamos os seguintes métodos:

- **Nível teórico**

Método dedutivo

De acordo Marconi e Lakatos (2010, p. 23) este método procede a combinação de ideias no sentido de interpretar minuciosamente todos os dados com vista atingir os objectivos fixados. Para o estudo que efectuamos enquadra-se perfeitamente.

Método indutivo

Este método permite chegar com base aos dados particulares devidamente constatados, chegar a uma verdade geral, (Gil 2002, p. 34).

Nível empírico/ experimental

Método estatístico

Este método, segundo Luck (2014, p. 87), constitui importante auxílio para a investigação em ciências sociais. Há que se considerar, porém, que as explicações obtidas mediante a utilização do método estatístico não podem ser consideradas absolutamente verdadeiras, mas dotadas de boa probabilidade de serem verdadeiras.

Aplica-se sempre que estamos diante da analogia dos dados. Este método possibilitou-nos trabalhar os dados do último capítulo, ou seja, a utilização deste método nos foi bastante útil quando procedemos a tabulação de dados que coletamos na escola em estudo.

2.3. Técnica e Procedimentos

As técnicas de coleta de dados são um conjunto de regras ou processos utilizados por uma ciência, ou seja, corresponde à parte prática da coleta de dados (Lakatos & Marconi, 2001).

Observação

Segundo Cervo & Bervian (2002, p. 27), “observar é aplicar atentamente os sentidos físicos a um amplo objeto, para dele adquirir um conhecimento claro e preciso”. Para esses autores, a observação é vital para o estudo da realidade e de suas leis. Sem ela, o estudo seria reduzido a “[...] à simples conjetura e simples adivinhação.

A operacionalização dos dados e a digitalização do texto e a apresentação dos resultados será feito em três programas, assim sendo, os resultados vão ser apresentados sob a forma de gráficos e tabelas, elaborados no programa Microsoft Excel 2010, o texto será digitado em Word 2010 e a apresentação no programa Microsoft Office PowerPoint (Windows 7) no capítulo de resultados e discussões.

2.5. Instrumentos e Procedimentos de colheita de dados

Na pesquisa de Ramos e Naranjo, (2014, p. 100), o instrumento de investigação “é materialização dum método ou duma técnica. É o material impresso para compilação da informação”.

Para este trabalho utilizou-se como instrumento de pesquisa o inquérito por questionário.

Assim sendo, para Pereira, (2016), o questionário, é definido como sendo um instrumento de colecta de dados, constituído por uma serie de perguntas ordenadas, que devem ser respondidas por escrito pelo informante.

Questionário

Segundo Cervo & Bervian (2002, p. 48), o questionário “[...] refere-se a um meio de obter respostas às questões por uma fórmula que o próprio informante preenche”. Ele pode conter perguntas abertas e/ou fechadas. As abertas possibilitam respostas mais ricas e variadas e as fechadas maior facilidade na tabulação e análise dos dados.

Inquérito por questionário

O inquérito por questionário na perspectiva de Martins (2017, p. 32), “é uma técnica de colecta de dados. É uma relação de perguntas que o entrevistado responde sozinho, assinalando ou escrevendo as respostas face as perguntas que lhe foi formulado”. Ao longo da pesquisa usamos esta técnica no sentido de obter informações que deram suporte ao estudo empírico do nosso trabalho.

2.6. População e amostra

- **População**

Segundo Marconi & Lakatos,(2015, p. 27),“população é o conjunto de seres inanimados que representam pelo menos uma característica em comum”.

Assim sendo, definiu-se a população de pesquisa de 90 indivíduos da Instituição em estudo, dividido Professores, alunos e pais/encarregados de educação.

Amostra

Amostra é uma parcela, conveniente selecionada do universo (população), é o subconjunto do universo (Marconi & Lakatos, 2015, p. 27).

Amostra da pesquisa é de 39 indivíduos selecionados aleatoriamente em função da população apresentada 43%.

Aleatória simples: escolha aleatória dos elementos que farão parte da amostra. Existe uma igual probabilidade, de cada elemento da população ser escolhido por meio de sorteio.

Quadro da população e amostra

Descrição	População-Alvo	Amostra	Percentagem
Director	1	1	2,5
Subdirector- pedagógico	2	0	00
Alunos	45	24	61,5
Professores	22	6	15,3
Pais/ encarregados	20	8	20,5
Total	90	39	100

Fonte: Elaboração Própria

2.7. Dificuldades encontrada

No decorrer da nossa pesquisa as dificuldades que tivemos foram as seguintes:

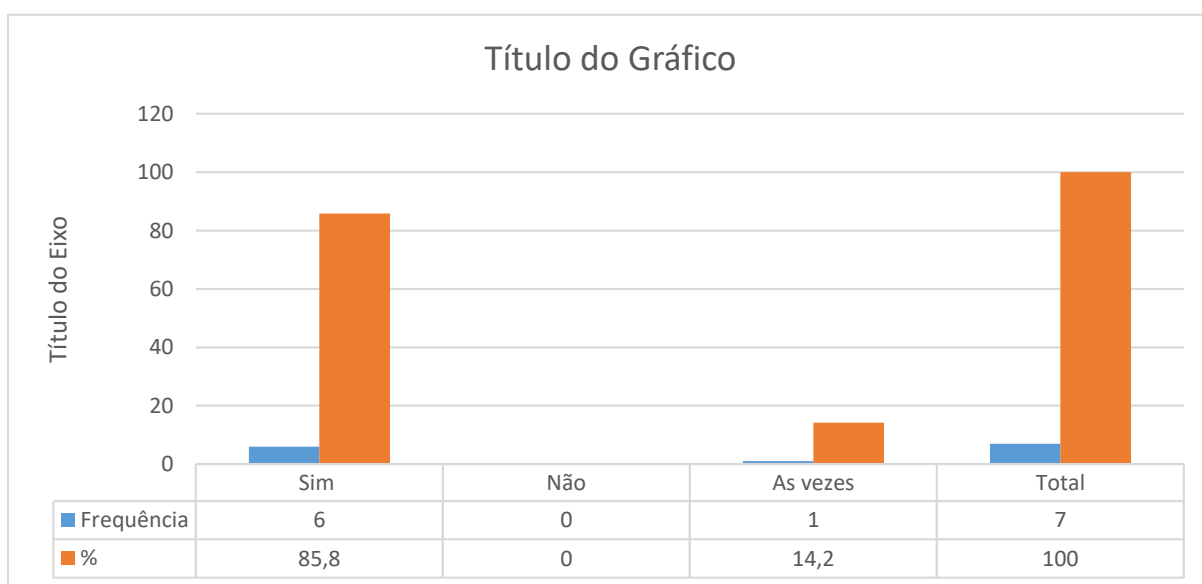
- Dificuldades financeiras;
- Escassez de tempo dado para a realização do trabalho;
- Dificuldades em termos de recolha e selecção das matérias para elaborar a fundamentação teórica
- Dificuldade de compreensão de uso das normas e técnica

CAPÍTULO III. DISCUSSÃO E RESULTADOS

3.1. Inquérito aplicado aos Professores

Tabela e gráfico nº1 já teve conhecimento de alunos que possam estar sofrendo de violência doméstica?

Designação	Frequência	%
Sim	06	85,8
Não	00	00
As vezes	01	14,2
Total	07	100

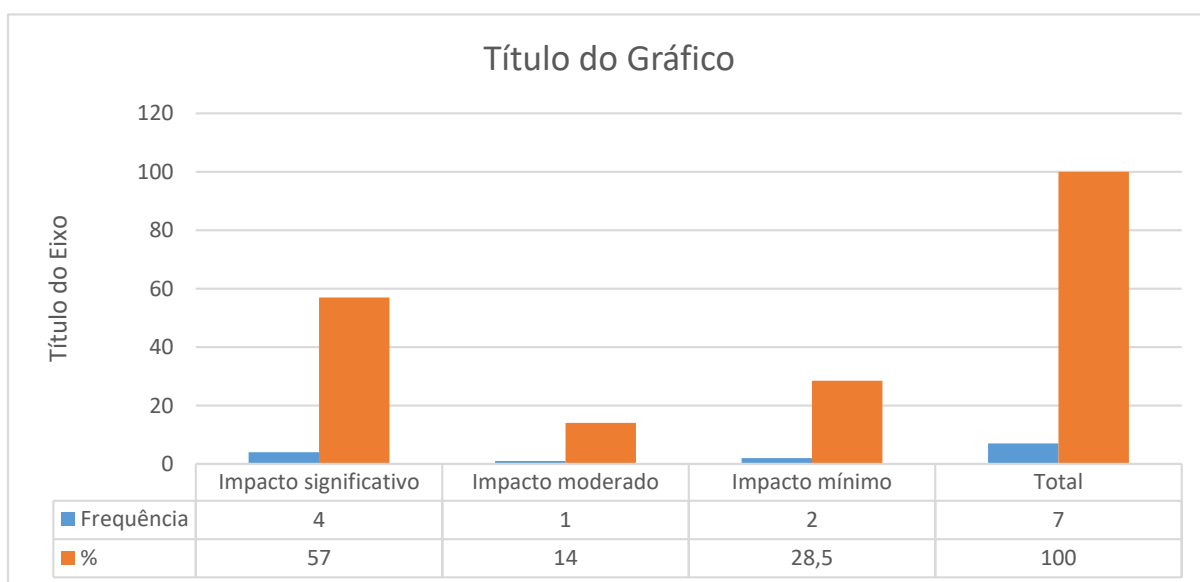


Fonte: Elaboração Própria/2023

Segundo a tabela e gráfico, sobre a descrição colocada por tanto 7 inqueridos, 06, inqueridos que corresponde a 85,8% verifica se os conhecimentos de alunos possam estar sofrendo de violência domestica disseram que sim, 01 inquerido que corresponde a 14,2% verifica se se o conhecimento de alunos possa estar sofrendo de violência domestica disser que as vezes, perfazendo assim 100% dos inqueridos.

Tabela e gráfico nº2 na sua opinião, como a violência domestica pode afetar o desempenho adâmico dos alunos?

Designação	Frequência	%
Impacto significativo	04	57
Impacto moderado	01	14
Impacto mínimo	02	28,5
Total	07	100

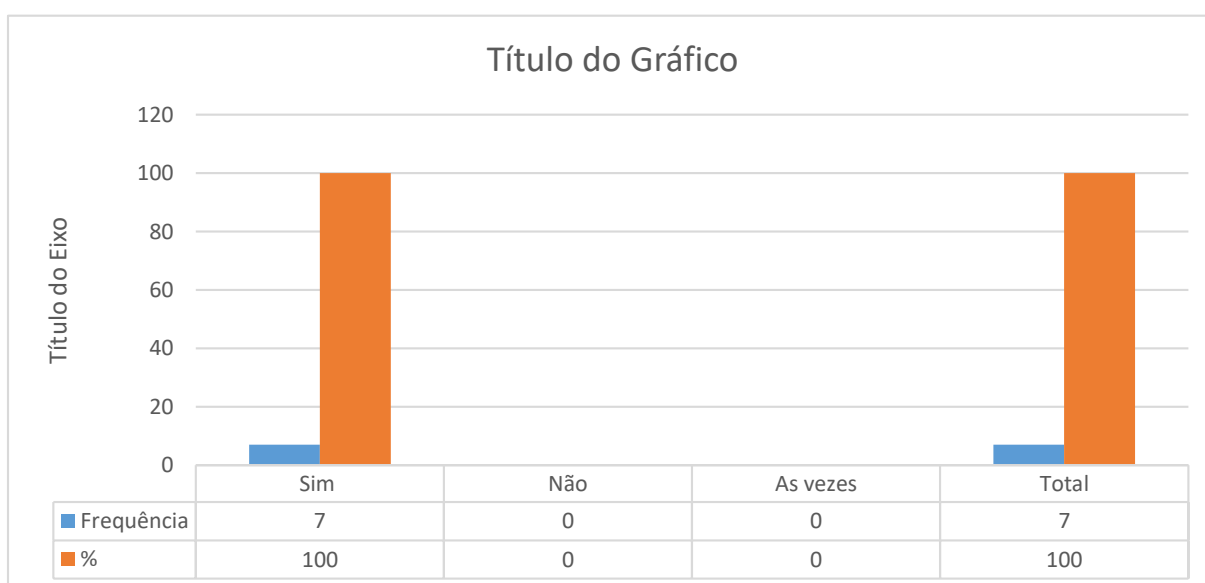


Fonte: Elaboração Própria/2023

Segundo tabela e gráfico n. Sobre a descrição por tanto 7 inqueridos, 4 inqueridos que corresponde a 57% verifica se a violência domestica pode afetar o desempenho académico dos alunos disseram que Impacto significativo, 02 inqueridos que corresponde a 28,5% verifica se a violência domestica pode afetar o desempenho académico dos alunos disseram que Impacto minino, 01 inquerido que corresponde a 14% verifica se a violência domestica pode afetar o desempenho académico dos alunos disseram que Impacto moderado, Prezando assim 100% dos inqueridos.

Tabela e gráfico nº3 conheces os possíveis sinais da violência domestica do aluno?

Designação	Frequência	%
Sim	07	100
Não	00	00
As vezes	00	00
Total	07	100

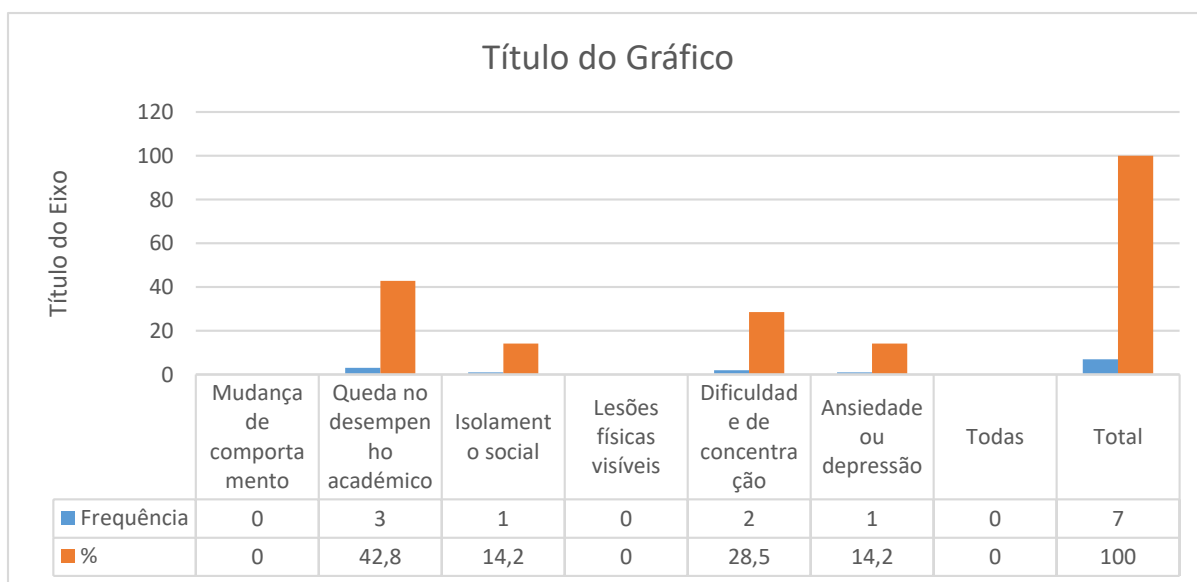


Fonte: Elaboração Própria/2023

Segundo tabela e gráfico n. Sobre a descrição por tanto 07 inqueridos, 07 inqueridos que corresponde a 100% verifica se sinais da violência domestica do aluno disseram que sim, perfazendo assim 100% dos inqueridos.

Tabela e gráfico nº4. Que sinais observaria um aluno que possa estar sofrendo de violência domestico?

Designação	Frequência	%
Queda no desempenho académico	03	42,8
Isolamento social	01	14,2
Dificuldade de concentração	02	28,5
Ansiedade ou depressão	01	14,2
Total	07	100

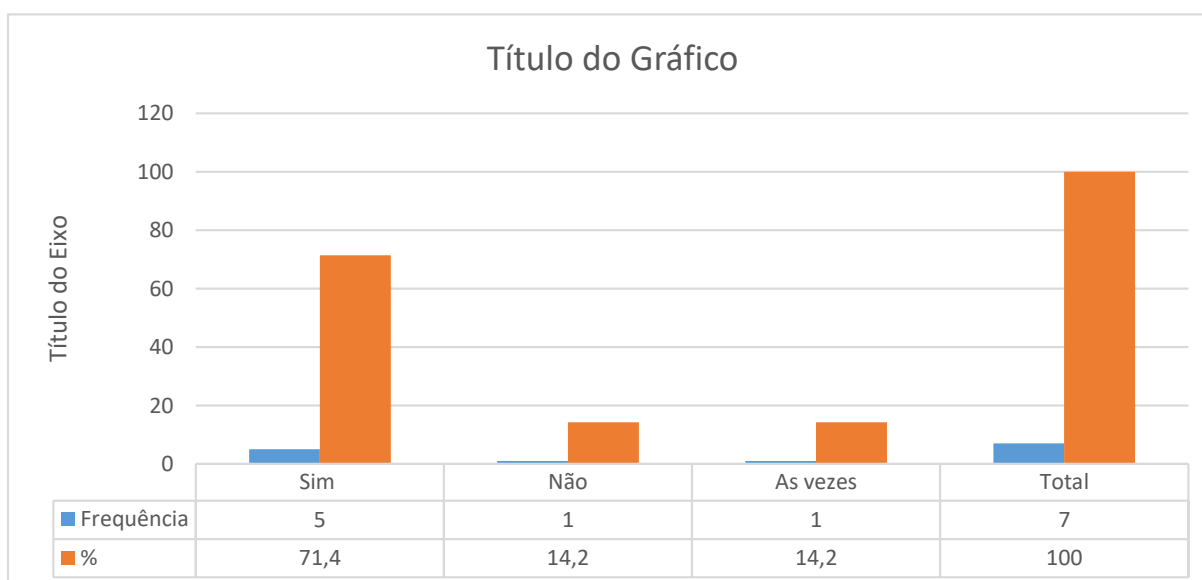


Fonte: Elaboração Própria/2023

Segundo tabela e gráfico n. Sobre a descrição por tanto 07 inqueridos, 03 inqueridos que corresponde a 42,8% verifica se que aluno que possa estar sofrer de violência domestica pode ter Queda no desempenho académico, 02 inqueridos que corresponde a 28,5% verifica se que aluno que possa estar sofrer de violência domestica pode ter Dificuldade de concentração, 01 inquerido que corresponde a 14,2 verifica se que aluno que possa estar sofrer de violência domestica pode ter Isolamento social, 01 inquerido que corresponde a 14,2 verifica se que aluno que possa estar sofrer violências domestica pode ter Ansiedade ou depressão, perfazendo assim 100% dos inqueridos.

Tabela e gráfico nº5 A escola desempenha um papel importante e identificar e apoiar alunos que estão sofrendo de violência domestica?

Designação	Frequência	%
Sim	05	71,4
Não	01	14,2
As vezes	01	14,2
Total	07	100

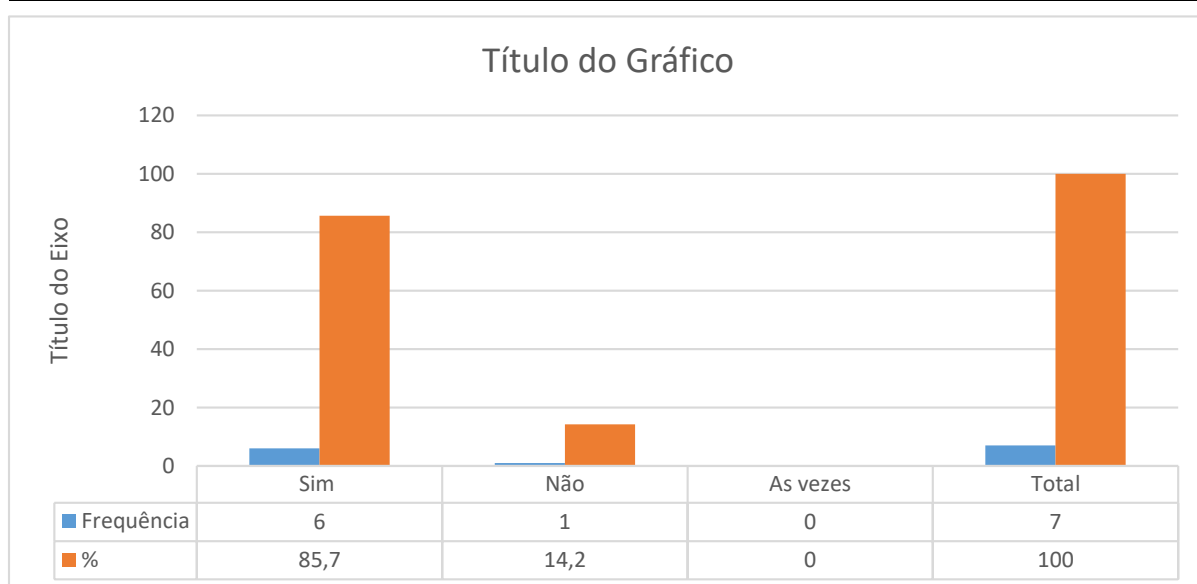


Fonte: Elaboração Própria/2023

Segundo a tabela e gráfico n. Sobre a descrição por tanto 07, 05 inqueridos que corresponde a 71,4% verifica se que é importante e identificar e apoiar alunos que estão sofrendo violências domestica disseram que sim, 01 inquerido que corresponde a 14,2 verifica se que é importante e identificar e apoiar alunos que estão sofrendo violências domestica disseram que não, 01 inquerido que corresponde a 14,2 verifica se que é importante e identificar e apoiar alunos que estão sofrendo violências domestica disseram que as vezes, perfazendo assim 100% dos inqueridos.

Tabela e gráfico nº6. Já recebeu formação ou orientação sobre como lidar com alunos que possam estar sofrendo de violência domestica?

Designação	Frequência	%
Sim	06	85,7
Não	01	14,2
As vezes	00	00
Total	07	100

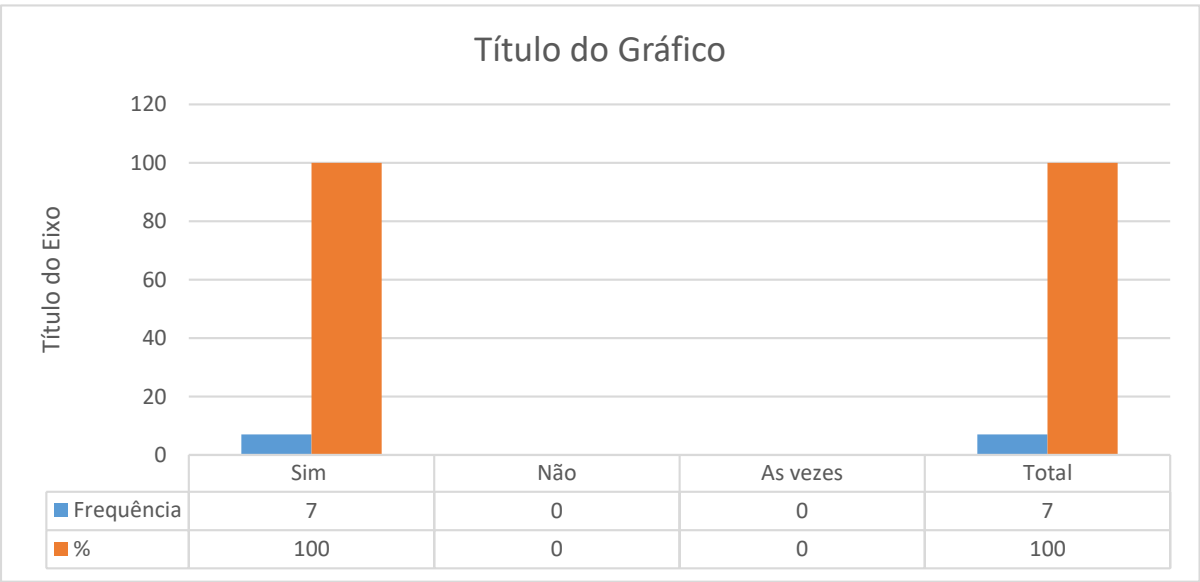


Fonte: Elaboração Própria/2023

Segundo a tabela e gráficos n. Sobre a descrição por tanto 07 inqueridos. 06 inqueridos que corresponde a 85,7% verifica se sobre como lidar com alunos que possam estar sofrendo de violências domestica disseram que sim, 01 inquerido que corresponde a 14,2 verifica se sobre como lidar com os alunos que possam estar sofrendo de violências domestica disseram que não perfazendo assim 100% dos inqueridos.

Tabela e gráfico nº7 os professores deveriam receber mais formação sobre como abordar questões da violência domestica na sala de aula.

Designação	Frequência	%
Sim	07	100
Não	00	00
As vezes	00	00
Total	07	100



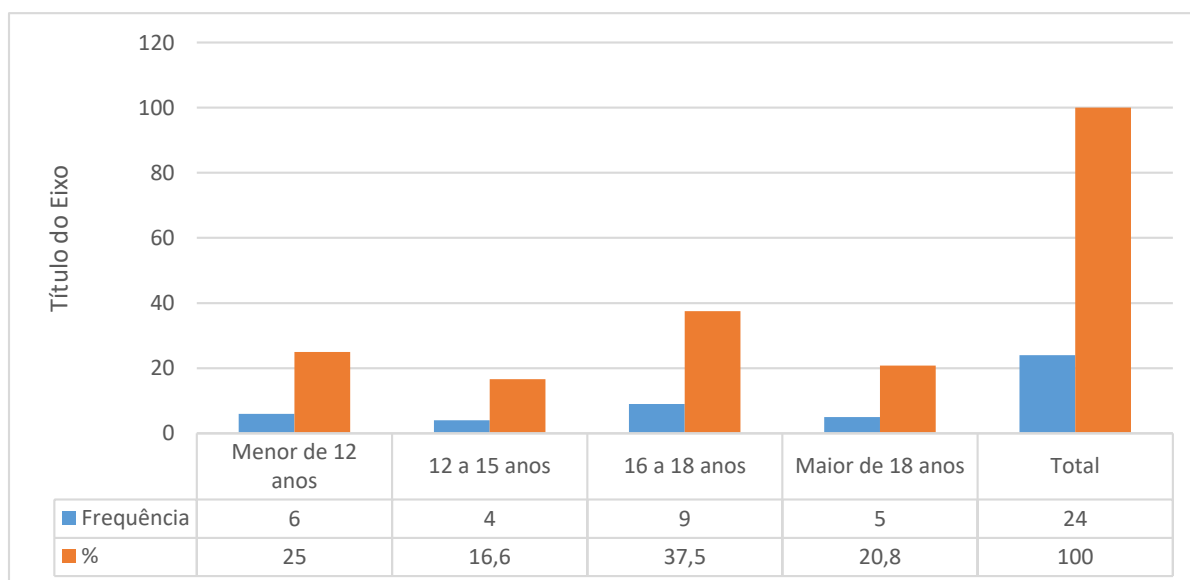
Fonte: Elaboração Própria/2023

Segundo a tabela e gráficos n. Sobre a descrição por tanto 07 inqueridos, 07 inqueridos que corresponde a 100% verifica se os professores deveriam receber informação sobre como abordar questões das violências domestica na sala de aula disseram que sim, perfazendo assim 10p0% dos inqueridos.

3.2. Inquérito aplicado ao aluno (a)

Tabela e gráfico nº8 Sabe o que é a violência domestica?

Designação	Frequência	%
Menor de 12 anos	06	25
12 a 15 anos	04	16,6
16 a 18 anos	09	37,5
Maior de 18 anos	05	20,8
Total	24	100

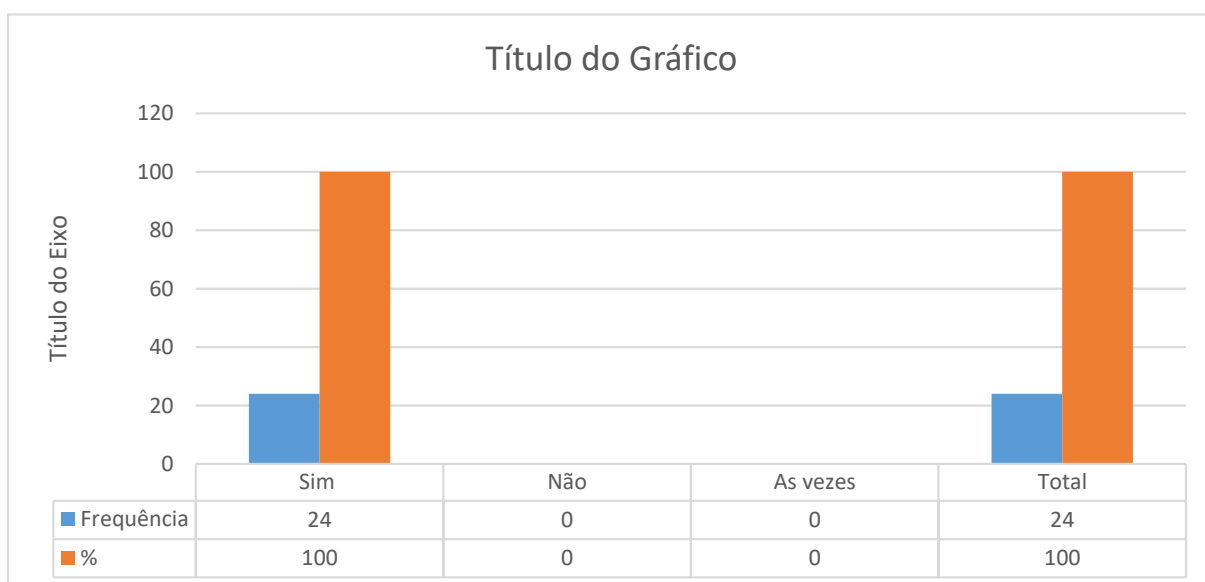


Fonte: Elaboração Própria/2023

Segundo tabela e gráficos nº08 sobre a descrição por tanto 24 inqueridos, 09 inqueridos que corresponde 37,5% verifica se que a violências domestica é 16 a 18 anos, 06 inqueridos que corresponde a 25% verifica que a violências domestica é de Menor de 12 anos, 05 inqueridos que corresponde a 20,8% verifica se que a violências domestica é de Maior de 18 anos, 04 inqueridos que corresponde a 16,6% verifica se que a violências domestica é de 12 a 15 anos, perfazendo assim 100% dos inqueridos.

Tabela e gráfico nº9 A violência domestica pode afetar o desempenho escolar do aluno?

Designação	Frequência	%
Sim	24	100
Não	00	00
As vezes	00	00
Total	24	100

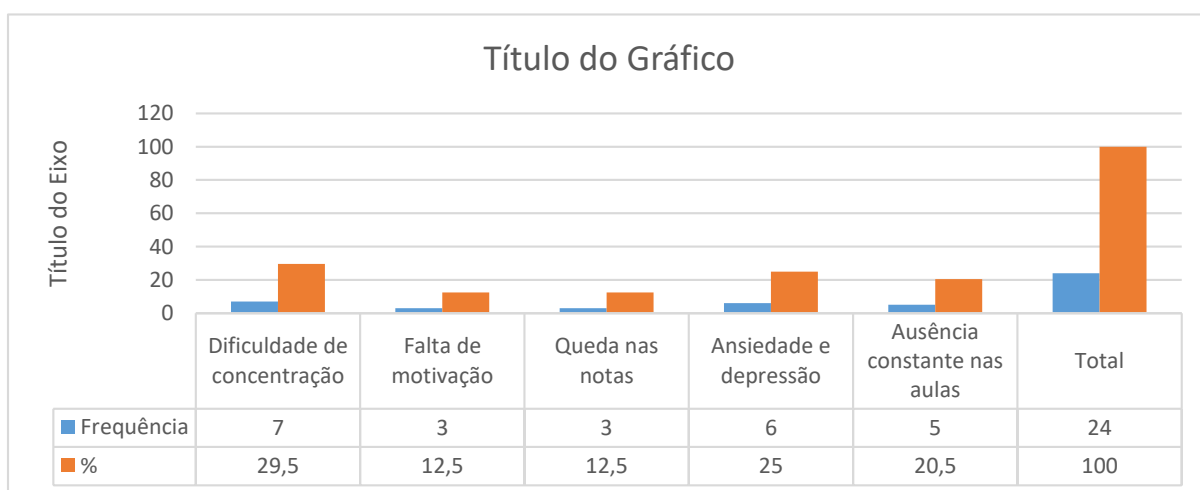


Fonte: Elaboração Própria/2023

Segundo tabela e gráficos n. Sobre a descrição por tanto 24 inqueridos, 24 inqueridos que corresponde a 100% verifica se que a violências domestica pode afetar o desempenho escolar do aluno, perfazendo assim 100% dos inqueridos.

Tabela e gráfico nº10 São consequências ou impactos da violência domestica no desempenho escolar do seu filho?

Designação	Frequência	%
Dificuldade de concentração	07	29,5
Falta de motivação	03	12,5
Queda nas notas	03	12,5
Ansiedade e depressão	06	25
Ausência constante nas aulas	05	20,5
Total	24	100

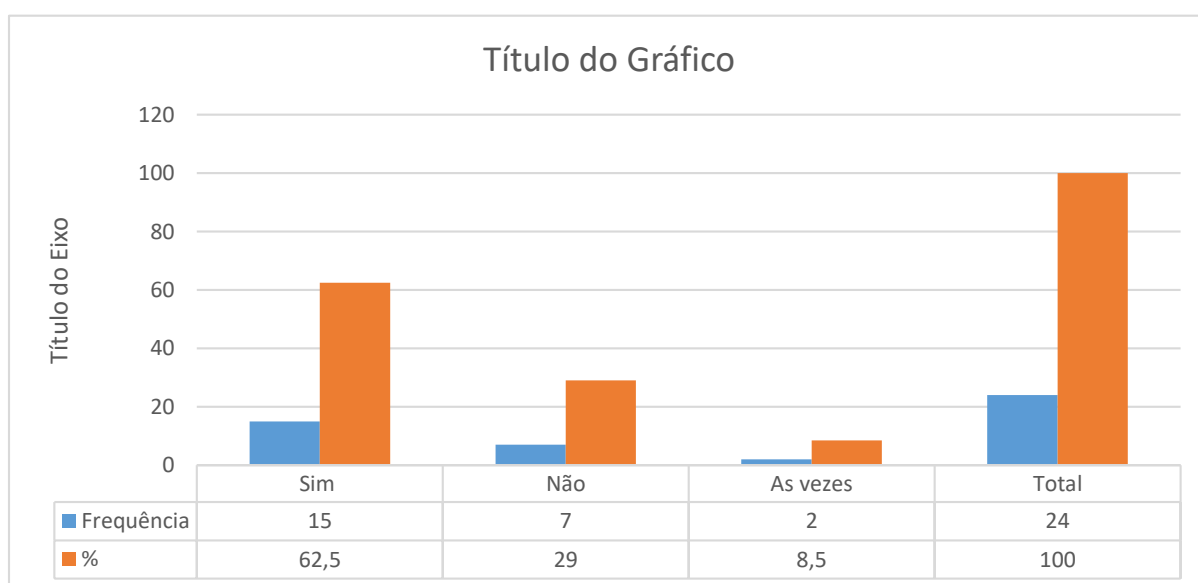


Fonte: Elaboração Própria/2023

Segundo a tabela e gráficos n. Sobre a descrição por tanto 24 inqueridos, 07 inqueridos que corresponde a 29,5% verifica se o impacto da violências domestica no desempenho escolar do seu filho Dificuldade de concentração, 06 inqueridos que corresponde a 25% verifica se o impacto da violência domestica no desempenho escolar do seu filho Ansiedade e depressão, 05 inqueridos que corresponde a 20,5% verifica se o impacto da violência domestica no desempenho escolar do seu filho Ausência constante nas aulas, 03 inqueridos que corresponde a 12,5% verifica se o impacto da violência domestica no desempenho escolar do seu filho Queda nas notas, perfazendo assim 100% dos inqueridos.

Tabela e gráfico nº11. conheces os sinais de alguém vitima da violência domestica?

Designação	Frequência	%
Sim	15	62,5
Não	07	29
As vezes	02	8,5
Total	24	100

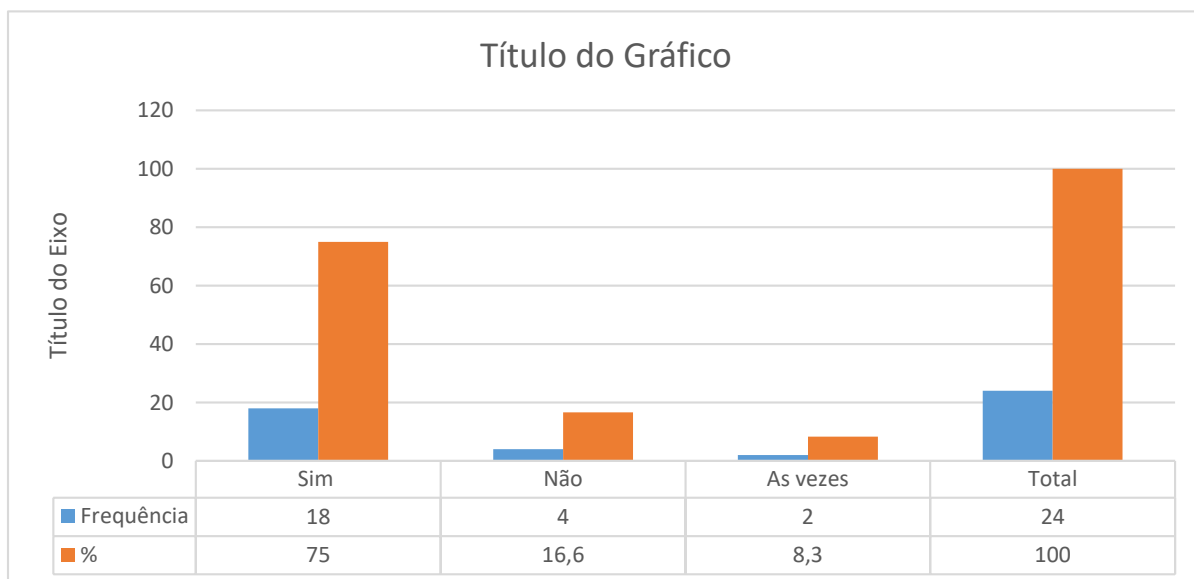


Fonte: Elaboração Própria/2023

Segundo a tabela e gráficos n. Sobre a descrição por tanto 24 inqueridos, 15 inqueridos que corresponde a 62,5% verifica se sinais de alguém vitima da violência domestica disseram que sim, 07 inqueridos que corresponde a 29% verifica se sinais de alguém vitima da violência domestica disseram que não, 02 inqueridos que corresponde a 8,5% verifica se sinais de alguém vitima da violência domestica disseram que as vezes, perfazendo assim 100% dos inqueridos.

Tabela e gráfico nº12. A escola realiza secções de sensibilização para os pais sobre como lidar com a violência domestica e seus impactos na educação?

Designação	Frequência	%
Sim	18	75
Não	04	16,6
As vezes	02	8,3
Total	24	100



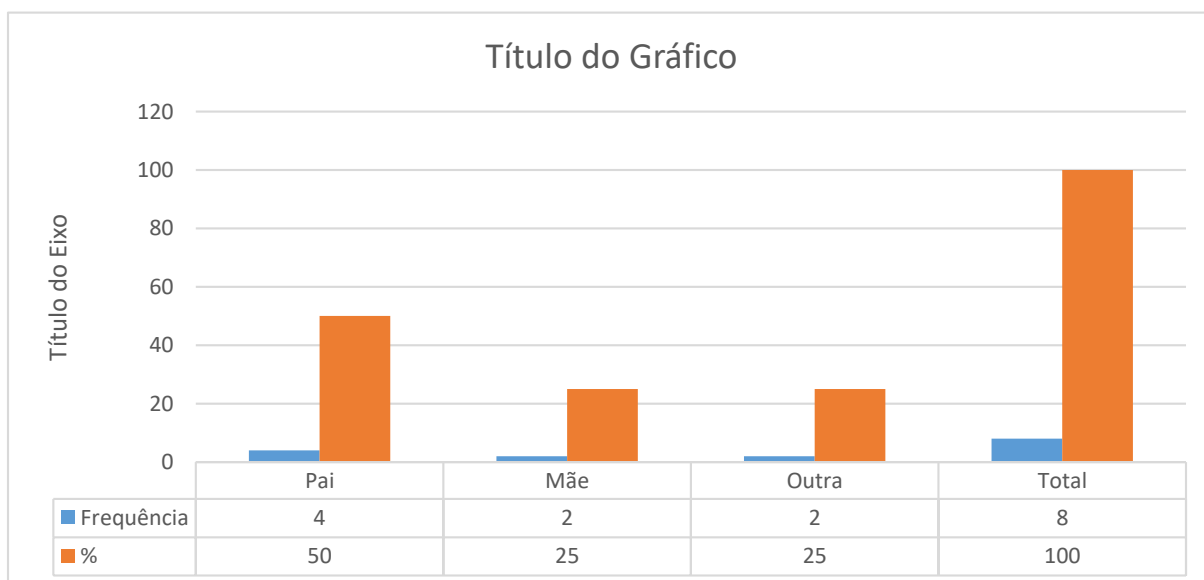
Fonte: Elaboração Própria/2023

Segundo a tabela e gráficos n. Sobre a descrição por tanto 24 inqueridos, 18 inqueridos que corresponde a 75% verifica se que sensibilização para os pais sobre como lidar com a violência domestica e seus impactos na educação disseram que sim, 04 inqueridos que corresponde a 16,6% verifica se que sensibilização para os pais sobre como lidar com a violência domestica e seus impactos na educação disseram que não, 02 inqueridos que corresponde a 8,3% verifica se que sensibilização para os pais sobre como lidar com a violência domestica e seus impactos na educação disseram que as vezes, perfazendo assim 100% dos inqueridos.

3.3. Inquérito dos (a) pai/ mãe ou encarregado (a) de educação

Tabela e gráfico nº13 Relação com alunos

Designação	Frequência	%
Pai	04	50
Mãe	02	25
Outra	02	25
Total	08	100

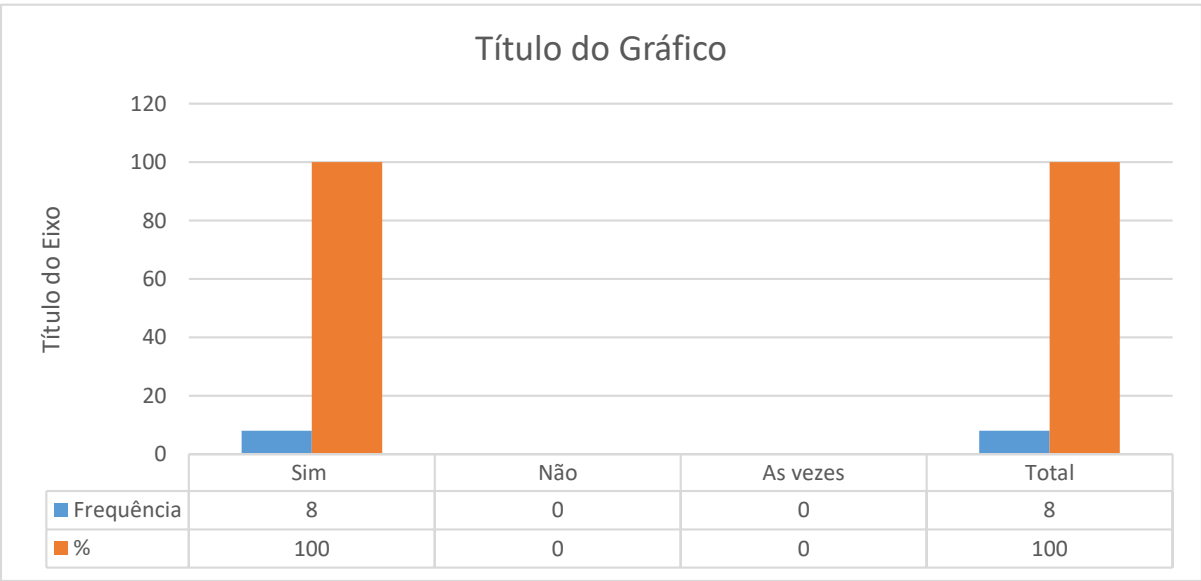


Fonte: Elaboração Própria/2023

Segundo a tabela e gráficos n. Sobre a descrição por tanto 08 inqueridos, 04 inqueridos que corresponde a 50% verifica se que a relação com alunos com Pai, 02 inqueridos que corresponde a 25% verifica se que a relação com alunos com Mãe, 02 inqueridos que corresponde a 25% verifica se que relação com alunos com Outros, perfazendo assim 100% dos inqueridos.

Tabela e gráfico nº14. A violação domestica pode afetar a vida escolar do aluno?

Designação	Frequência	%
Sim	08	100
Não	00	00
As vezes	00	00
Total	08	100

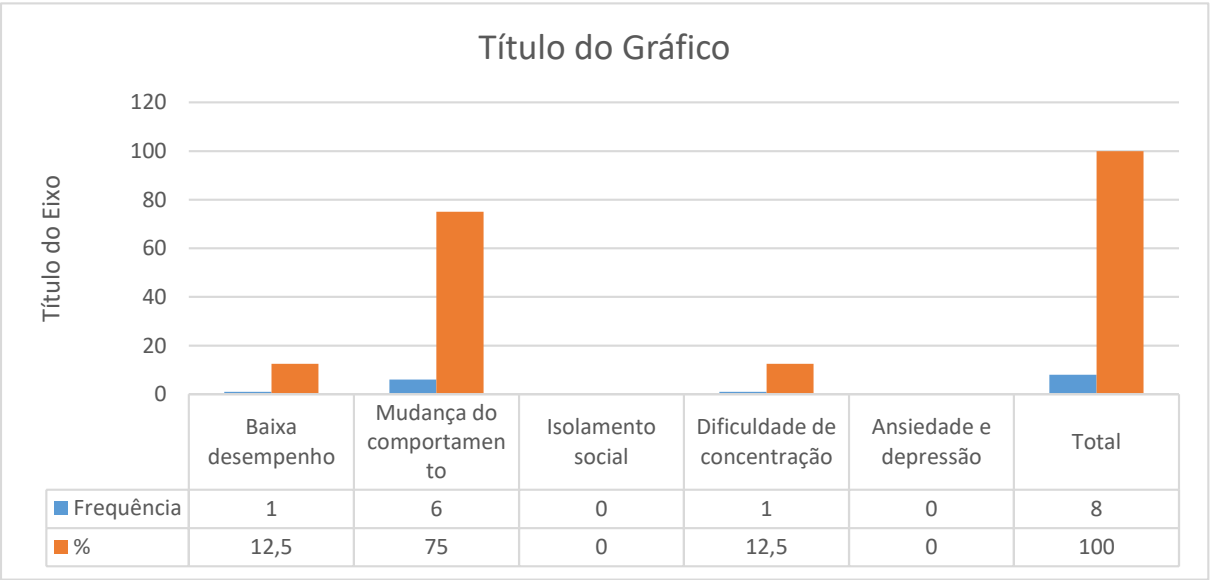


Fonte: Elaboração Própria/2023

Segundo a tabela e gráficos n. Sobre a descrição por tanto 8 inqueridos, 08 inqueridos que corresponde a 100% verifica se que a violência domestica pode afetar a vida escolar do aluno disseram que sim, perfazendo assim 100% dos inqueridos.

Tabela e gráfico nº15. Quais podem ser os possíveis impactos da violência domestica no desempenho escolar do seu filho?

Designação	Frequência	%
Baixa desempenho	01	12,5
Mudança do comportamento	06	75
Dificuldade de concentração	01	12,5
Total	08	100

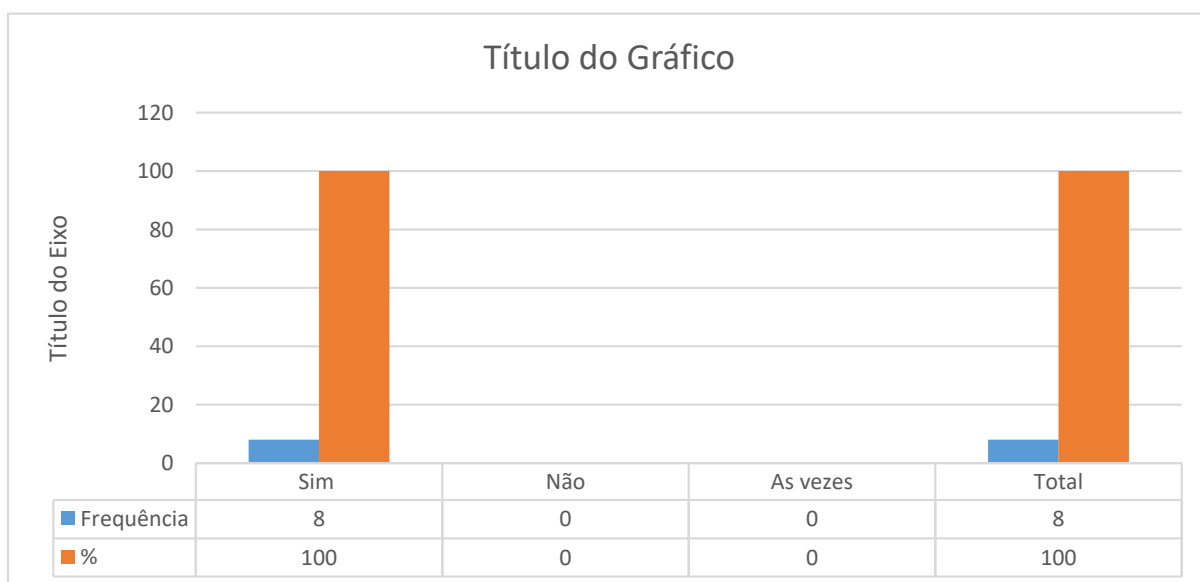


Fonte: Elaboração Própria/2023

Segundo a tabela e gráficos n. Sobre a descrição por tanto 08 inqueridos, 06 inqueridos que corresponde a 75% verifica se que o impacto da violência domestica no desempenho escolar do seu filho pode ter Mudança do comportamento, 01 inquerido que corresponde a 12,5% verifica se que o impacto da violência domestica no desempenho escolar do seu filho Baixa desempenho, 01 inquerido que corresponde a 12,5% verifica se que o impacto da violência domestica no desempenho escolar do seu filho Dificuldade de concentração, refazendo assim 100% dos inqueridos.

Tabela e gráfico nº16. os pais deveriam proceder informações e recursos para compreenderem melhor o impacto da violência domestica no processo de ensino aprendizagem?

Designação	Frequência	%
Sim	08	100
Não	00	00
As vezes	00	00
Total	08	100

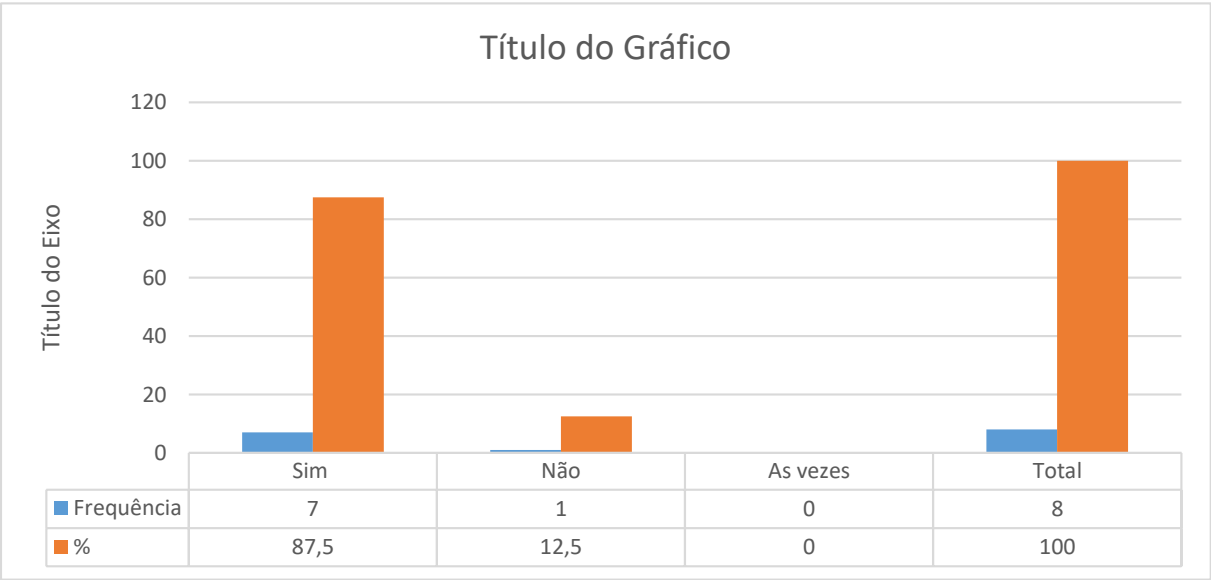


Fonte: Elaboração Própria/2023

Segundo a tabela e gráficos n. Sobre a descrição por tanto 08 inqueridos, 08 inqueridos que corresponde a 100% verifica se os pais deveriam proceder informações e recursos para compreenderem melhor o impacto da violência domestica no processo de ensino aprendizagem disseram que sim, perfazendo assim 100% dos inqueridos.

Tabela e gráfico nº17. A escola realiza sessões de sensibilização para os pais sobre como lidar com a violência domestica e seus impactos na educação?

Designação	Frequência	%
Sim	07	87,5
Não	01	12,5
As vezes	00	00
Total	08	100

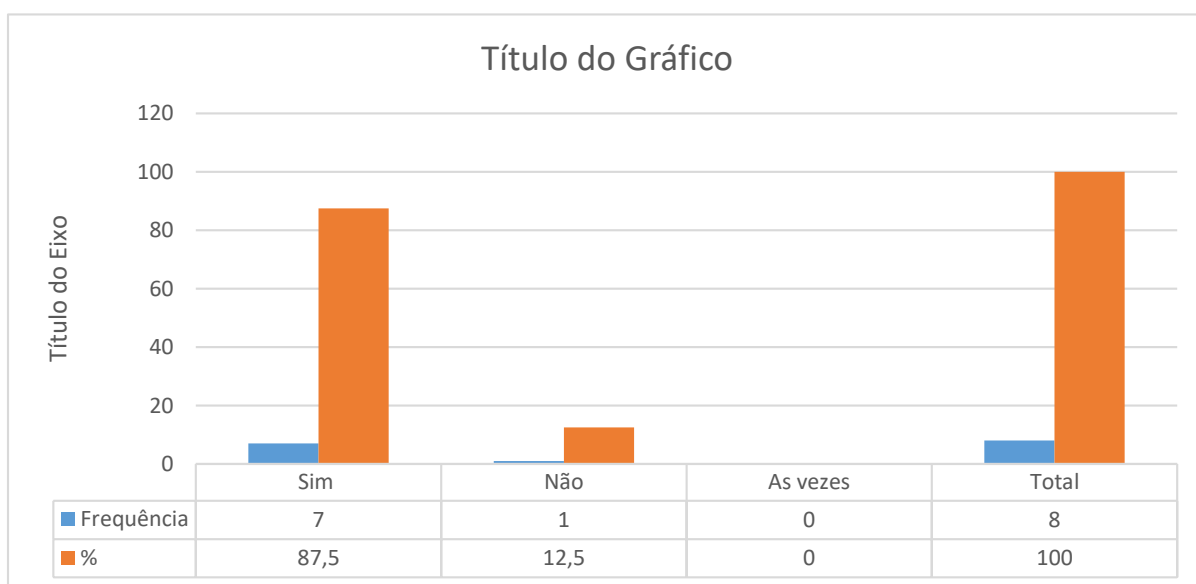


Fonte: Elaboração Própria/2023

Segundo a tabela e gráfico n. Sobre a descrição por tanto 08 inqueridos, 07 inqueridos que corresponde a 87,5% verifica se os pais sobre como lidar com a violência domesticam e seus impactos na educação disseram que sim, 01 inquerido que corresponde a 12, 5% verifica se os pais sobre como lidar com a violência domesticam e seus impactos na educação disseram que não, perfazendo assim 100% dos inqueridos.

Tabela e gráfico nº18. Sessões de sensibilização sobre a violência domestica sobre os alunos?

Designação	Frequência	%
Sim	07	87,5
Não	01	12,5
As vezes	00	00
Total	08	100



Fonte: Elaboração Própria/2023

Segundo tabela e gráfico n. Sobre a descrição por tanto 08 inqueridos, 07 inqueridos que corresponde a 87,5% verifica se Sessões de sensibilidade sobre a violência domestica sobre os alunos disseram que sim, 01 inquerido que corresponde a 12,5% verifica se Sessões de sensibilidade sobre a violência domestica sobre os alunos disseram que não, perfazendo assim 100% dos inqueridos.

CONCLUSÕES

Diante do estudo sobre o impacto da violência doméstica no processo de ensino-aprendizagem na Escola 6028, município de Icolo Bengo, Luanda, é possível concluir que a violência doméstica exerce uma influência significativa no desenvolvimento acadêmico e emocional dos estudantes.

Observou-se que crianças expostas a ambientes violentos enfrentam dificuldades de concentração, relacionamento interpessoal e expressão emocional, afetando negativamente seu desempenho escolar.

A hipótese inicial, que sugeria uma correlação entre a violência doméstica e o baixo rendimento escolar, foi corroborada pelos dados coletados. A constatação de que crianças vítimas ou testemunhas desse tipo de violência apresentam índices mais baixos de aproveitamento acadêmico levanta a necessidade de abordagens pedagógicas e psicossociais específicas para esse grupo.

Os objetivos delineados no início deste estudo visavam compreender a extensão do impacto da violência doméstica, identificar possíveis indicadores comportamentais dos alunos afetados e propor estratégias de intervenção. A análise dos resultados permitiu alcançar tais objetivos, fornecendo insights valiosos para educadores, psicólogos escolares e profissionais de assistência social.

Destaca-se a importância de programas de sensibilização e capacitação para educadores lidarem com casos de violência doméstica, promovendo um ambiente escolar seguro e acolhedor. Além disso, intervenções psicossociais direcionadas às crianças afetadas podem contribuir para mitigar os impactos negativos no processo de ensino-aprendizagem.

Em síntese, este estudo evidenciou que a violência doméstica é uma questão que transcende os limites do lar, repercutindo diretamente na esfera educacional. O comprometimento conjunto de instituições educacionais, familiares e órgãos responsáveis pela proteção da infância é essencial para criar um ambiente propício ao desenvolvimento integral dos estudantes, superando os desafios impostos pela violência doméstica.

Diante do cenário investigado sobre o impacto da violência doméstica no processo de ensino-aprendizagem na Escola 6028, município de Icolo Bengo, Luanda,

um conjunto substancial de reflexões e conclusões emergiram, demandando considerações finais abrangentes.

Ao analisar a pergunta inicial que norteou esta pesquisa, buscávamos compreender a magnitude do impacto dessa forma de violência no ambiente escolar. Os resultados obtidos revelam que a violência doméstica não é apenas um problema circunscrito às paredes do lar; ela projeta suas sombras no contexto educacional, influenciando o desempenho acadêmico e o bem-estar emocional dos estudantes.

As hipóteses inicialmente formuladas encontraram respaldo nos dados coletados. A relação direta entre exposição à violência doméstica e desafios no processo de aprendizagem se mostrou evidente. Crianças que enfrentam esse contexto muitas vezes apresentam dificuldades de concentração, manifestam comportamentos disruptivos e enfrentam obstáculos no desenvolvimento de habilidades sociais, traduzindo-se em índices acadêmicos mais baixos.

Os objetivos delineados para esta pesquisa incluíam a identificação de indicadores comportamentais desses alunos, a compreensão da extensão do impacto e a proposição de estratégias de intervenção.

Os resultados alcançados fornecem uma base sólida para avançar nesses objetivos. É imperativo reconhecer os sinais de trauma e promover abordagens sensíveis ao lidar com estudantes impactados pela violência doméstica.

No âmbito das intervenções propostas, destaca-se a necessidade de programas de capacitação para educadores, visando dotá-los de ferramentas para lidar eficazmente com essas situações delicadas. Além disso, estratégias de suporte psicossocial direcionadas aos estudantes são essenciais para mitigar os efeitos prejudiciais no desenvolvimento escolar e emocional.

Em última análise, este estudo não apenas corrobora a interconexão entre violência doméstica e ensino-aprendizagem, mas também destaca a urgência de uma abordagem holística para enfrentar esse desafio.

A colaboração entre instituições educacionais, famílias, e entidades de proteção à infância é crucial para criar um ambiente educacional que seja não apenas informativo, mas também verdadeiramente acolhedor e seguro para todos os estudantes, independentemente de suas circunstâncias familiares.

SUGESTÕES

Desenvolver e implementar programas de conscientização sobre a violência doméstica, direcionados tanto aos alunos quanto aos pais, com o intuito de criar um ambiente escolar mais informado e sensível a essas questões.

Investir em programas de capacitação para professores, proporcionando-lhes ferramentas pedagógicas e psicossociais para identificar e lidar com sinais de violência doméstica, bem como para apoiar os alunos afetados.

Estabelecer equipes multidisciplinares dentro das escolas, envolvendo psicólogos, assistentes sociais e outros profissionais, para oferecer suporte especializado aos alunos que enfrentam situações de violência doméstica.

Promover espaços regulares de diálogo entre professores, alunos e pais para discutir abertamente questões relacionadas à violência doméstica, visando à criação de uma rede de apoio dentro da comunidade escolar.

Lançar campanhas de prevenção, destacando os impactos negativos da violência doméstica na educação e encorajando a denúncia e o apoio mútuo entre os membros da comunidade escolar.

Estabelecer parcerias com organizações locais que lidam com violência doméstica, a fim de oferecer recursos adicionais, como aconselhamento, workshops para pais e apoio jurídico quando necessário.

Garantir a oferta contínua de serviços de apoio psicossocial aos alunos afetados, incluindo sessões de aconselhamento individual e em grupo, para ajudá-los a lidar com os efeitos traumáticos da violência doméstica.

Integrar temas relacionados à violência doméstica no currículo escolar, abordando questões de respeito, empatia e relações saudáveis, para promover uma cultura de respeito desde cedo.

Estabelecer sistemas de monitoramento que permitam identificar indicadores acadêmicos e comportamentais associados à violência doméstica, facilitando uma intervenção precoce e personalizada.

Desenvolver programas de apoio familiar, fornecendo recursos e orientações para pais e responsáveis, visando fortalecer as relações familiares e prevenir situações de violência doméstica.

Essas sugestões combinam abordagens preventivas, educativas e de apoio para criar um ambiente escolar mais seguro e solidário, visando o bem-estar integral dos alunos e a promoção de uma educação inclusiva e equitativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abrapia, M. (2008) A terapia familiar. Lisboa: Ed. Veja.
- Almeida, A. A; Miranda, B. O; Lourenço, M. L. (2010) Violência doméstica/intrafamiliar contra crianças e adolescentes: uma revisão bibliométrica. Rev Interinstitucional de Psicologia, Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Brasil.
- Assis, S. G.(2012) Crianças, violências e comportamento: um estudo em grupos sociais distintos. (Relatório Final de Pesquisa). Rio de Janeiro: ENSP/FIOCRUZ, 1992 (mimeo).
- _____(2010) (org.) Impactos da violência na escola: um diálogo com professores. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ ed. Fiocruz.
- Azevedo, M. A e Gerra, A.(2001) Mania de bater: a punição corporal doméstica de crianças e adolescentes no Brasil. São Paulo: Editora iglu.
- Baptista, C. e Sousa, M. (2011). Como fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios, segundo Bolonha (4ª Ed.). Lisboa: Pactor
- Barbosa, P. Z.; Pegoraro, R. F.(2008) Violência doméstica e psicologia hospitalar: possibilidades de atuação diante da mãe que agride. Saude soc. v.17, n.3. jul/set.
- Barros, M,D.(2012) Educação infantil: o que diz a legislação. Disponível em: <<https://lfg.jusbrasil.com.br/noticias/168958/artigos-educacao-infantil-o-que-diz-aleislacao>. > Acesso em: 10 mai.
- Bogdan, R. S.; Biken, S. (2003) Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. 12.ed. Porto: Porto.
- Campos, D. M. de S. (1999) Psicologia da aprendizagem. Petrópolis: Vozes, 1987.
- Coelho, M. T; José, E. A.Problemas de aprendizagem. São Paulo: Ática.
- Carvalho, P. R.; Lopes, A.; Barros, N. V. (2001)Violência sexual intrafamiliar contra a criança e o adolescente: uma questão de gênero ou uma mera coincidência? Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades. Educação, Saúde, Movimentos Sociais, Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos. 20 a 31 de Julho de 2009. Salvador-BA.
- Cervo, A. L. Bervian, P. A. (2002) Metodologia científica. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall.

- Chauí, M. (1999) Uma Ideologia Perversa. Folha de São Paulo, São Paulo, Caderno Mais!
- Coelho, M. V. e José. M (1999) Treinamento de pais em grupo: um relato de experiência. Estud. psicol. v. 24, n. 3. jul/set.
- Coll, C.(2010) (org.) Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais. Tradução Fátima Murad. 2 ed. Porto Alegre: Artmed
- Conceição, D.S.(2020) Violência doméstica e suas influências na aprendizagem escolar. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Observatório da inclusão e diversidade na educação: 2020. Disponível em: www.repositoriodigital.ufrb.edu.br Acesso em: 17 de agosto de 2020.
- Cruz, S. (1986). (Org.), Manual de Ferramentas da Web 2.0 para Professores. Lisboa: Ministério da Educação.
- Elsen, I. (2011)(org). Escola: um espaço de revelação da violência doméstica contra crianças e adolescentes. Psicologia Argumento, Curitiba, v.29,n. 66, p. 303-314, 2011.Disponívelem:<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20375> Acesso em 06 de outubro de 2020.
- Ferreira, A. L. (2019)A prevenção da violência contra a criança na experiência do Ambulatório de Atendimento à Família: entraves e possibilidades de atuação. Ciênc. saúde coletiva v.4 n.1.
- Ferreira, A. L.; Gonçalves, H. S.; Marques, M. J. V.; Moraes, S. R. S.(1999) A prevenção da violência contra a criança na experiência do Ambulatório de Atendimento à Família: entraves e possibilidades de atuação. Ciênc. saúde coletiva v.4 n.1.
- Fio, A.(2004) Transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Oeiras: Celta Editora
- Freire, P.(1997) Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra.
- Freixo, M. (2011). Metodologia científica: Fundamentos, métodos e técnicas. (3ªEd). Lisboa: Instituto Piaget.

- Gagné, R. M. (1980) Como se realiza a aprendizagem. Rio de Janeiro. Livros Técnicos e Científicos Editora AS.
- Gil, A. C. (2002) Métodos e técnicas de pesquisa social. 5.ed. São Paulo: Atlas.
- Higareda-Almaraz, M. A.; Higareda-Almaraz, E.; Higareda-Almaraz, I. R.; León, J. C.(2011) Aptitud de padres para prevenir abuso sexual en menores después de una intervención educativa participativa. Salud pública. v.53, n.2. mar./abr.
- Hill, M. e Hill, A. (2002). Investigação por Questionário. (2ªEd.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Jeronymol, D. et al (2009). *Prevalência de abuso físico na infância e exposição à violência parental em uma amostra brasileira*. Retirado de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102311X2009001100016&script=sci_arttext&lng=pt
- Kapitiya, F. (2014). A,B,C. de Metodologia de Investigação Científica. Lobito: Secretariado Diocesano de Pastoral.
- Lakatos, E. M.; Marconi, M. A.(2010) Fundamentos metodologia científica. 4.ed. São Paulo: Atlas
- _____ (2001) Metodologia do trabalho científico. 4.ed. São Paulo: Atlas
- Levandowski, M et al.(2021) Impacto do distanciamento social nas notificações de violência contra crianças e adolescentes no Rio Grande do Sul, Brasil. Cad. SaúdePública, 2021. Disponível em:<https://www.scielo.br/j/csp/a/w9xDc35gk53mDz9MrX4nFfr/?format=pdf&>
- Libâneo, J. C(1994). “Fundamentos teóricos e práticos do trabalho docente – estudo introdutório sobre pedagogia e didática”, tese de doutorado. São Paulo: PUC-SP.
- Lima, J. Oliveira,P(2019) A violência doméstica e aprendizagem escolar. Educação, 2007. Disponível em <http://www.webarigos.com/artigos/a-violencia-domestica-e-a-aprendizagemescolar/2951/pdf>. Acessado em 27 de Junho de.
- _____ (2007) A violência doméstica e aprendizagem escolar. Educação. Disponível em <http://www.webarigos.com/artigos/a-violencia-domestica-e-a-aprendizagemescolar/2951/pdf>. Acessado em 27 de Junho.

- Linhares, M; Enumo, S.(2020) Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. Estudos de Psicologia (Campinas),2020.Disponívelm:<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/CrYD84R5ywKW/BqwbRzLzd8C/?format=pdf&lang=pt> . Acessado em: 15 de julho de 2021.
- Lisboa, M. (2004) Custos sociais e económicos da violência familiar e doméstica. N.º 135. Disponível em [www. apagina.pt/ aba=135&doc=1090&mid=2](http://www.apagina.pt/aba=135&doc=1090&mid=2). Acessado em
- Luck, H (2014) Gestão educacional: Uma questão paradigmática. Petropolis: Vozes
- Malta, D.C. Antunes, J.T. Machado, I.E.,(2019) Fatores de risco e proteção relacionados à violência intrafamiliar contra os adolescentes brasileiros. Revista brasileira epidemiologia. v. 23, Rio de Janeiro: Julho 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980549720200003.supl.1> Acesso em: Outubro de 2020.
- Marconi, M. A.; Lakatos, E. M. (2015) Metodologia científica. São Paulo: Editora Atlas.
- _____. (2011) Técnicas de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas.
- Martins, C. B. G.; Jorge, M. H. P. M. (2011) Violência contra crianças e adolescentes: contexto e reflexões sob a ótica da saúde. Londrina: Eduel
- Masetto, Marcos – (2003) “Docência na Universidade” (Org.) – Campinas, SP, Papirus.
- Medeiros, K. B.(2018) Resistências de crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica e a escola na rede de proteção. 2018. 220 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pós Graduação Stricto Sensu em Educação – Universidade São Francisco, Itatiba.
- Mendes,A.(2015). *Fatores de risco e protecção na infância*. Retirado de https://sigarra.up.pt/icbas/pt/pub_geral.show_file?pi_doc_id=32420
- Mikton, C.; Butchart, A. (2009) Child maltreatment prevention: a systematic review of reviews. Bull World Health. v.87, n. 5. May
- Miranda, S et all (2021) A relação entre professor e alunos vítimas de abuso: a inserção no contexto escolar. Revista de Estudos em Educação e Diversidade. v. 1, n. 2, p. 185-206, out./dez.,2020. Disponível m:<https://periodicos2.uesb.br/index.php/reed/article/view/7867/5417>. Acessado em: 13 de julho de.
- Moreira, M.A. (1999). Aprendizagem significativa. Brasília: Editora da UnB.

- Murta, S. G.; Rodrigues, A. C.; Rosa, I. O.; Paulo, S. G.; Furtado, K.(2011) Avaliação de necessidades para a implementação de um programa de transição para a parentalidade. *Psic.: Teor. e Pesq.* v.27, n.3. jul/set.
- Mynard e Joseph (2000). A terapia familiar sistêmica de Milão. P. Alegre: Artes
- Olwens, M(2010). As mudanças no ciclo de vida da família. Porto Alegre: Artes
- Paixão, A. C. W.; Deslandes, S. F.(2011) Abuso sexual infanto juvenil: ações municipais da Saúde para a garantia do atendimento. *Ciênc. saúde coletiva.* v.16, n. 10. out.
- Preto, M. Moreira, P. A. S.(2012) Auto Regulação da Aprendizagem em Crianças e Adolescentes Filhos de Vítimas de Violência Doméstica Contra Mulheres. *Psicologia: Reflexão e Crítica.* Universidade Federal do Rio Grande do Sul, vol. 25, n. 4, p. 730-737, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/188/18825219012.pdf>. Acesso em: outubro de 2020.
- Ramos, S., & Naranjo, E. (2014). Metodologia de Invetigação Científica. Angola: Escolar Editora.
- Rocha, P. C. X.; Moraes, C. L.(2011) Violência familiar contra a criança e perspectivas de intervenção do Programa Saúde da Família: a experiência do PMF/Niterói (RJ, Brasil). *Ciênc. saúde coletiva.* v. 16, n. 7. jul
- Rodrigues, W. C.(2017) Metodologia Científica (PPT). FAETEC/IST Paracambi, 2007. [Acesso em 25 jul. Disponível em: http://unisc.br/portal/upload/com_arquivo/metodologia_cientifica.pdf
- Rosas, F.K; Cionek, M.I.G.(2006) O Impacto da Violência Doméstica Contra Crianças e Adolescentes na Vida e na Aprendizagem. *Conhecimento Interativo*, São Jose dos Pinhais, PR v. 2, n.1, p. 10-15, Jan/Jun.
- Sá, S, M(2012). Conselho Tutelar: Enfrentamento à Violência Física Doméstica. Dissertação de Mestrado em Serviço Social. Faculdade de História, Direito e Serviço Social, UNESP, 2001.
- Saffioti, H. I. B.(2015) Gênero, patriarcado, violência. 2ºed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo

- _____.(2007) A síndrome do pequeno poder. In: Azevedo, Maria Amélia Guerra; Azevedo, Viviane Nogueira (orgs). Crianças Vitimizadas: a síndrome do pequeno poder: 2. Ed. São Paulo: Iglu.
- Sani, A. (2012). *Análise Social, volume XLI*. Retirado de http://isce.novabase.pt/bbcswebdav/pid-30568-dt-content-rid-87077_1/courses/ES_SF1213/maustratos.pdf
- Serrate. A. (2014)Mulheres espancadas. A violência denunciada. São Paulo: Cortez e Associados.
- Silva, L. M. P. (2009) Violência doméstica contra a criança e o adolescente. Recife: Edupe.
- Sousa, G, L, B(2013). Conselho Tutelar: desafios no entendimento, desafios no atendimento. In: Oliveira, Antonio Carlos de.; Fernandes, Nair Cristina B. (orgs). Violência contra crianças e adolescentes: redes de proteção e responsabilização. Rio de Janeiro.
- Veiga, I. P. A.(2001) Técnicas de ensino: novos tempos, novas configurações. Papirus Editora.
- Vergara, S. C. (2000) Projetos e relatórios de pesquisa em administração. 3.ed. Rio de Janeiro: Atlas.

APÊNDICES

PREZADO (A) PROFESSOR (A)

Obrigado por participar neste questionário. Seu feedback é importante entendermos melhor o impacto da violência domestica no processo de ensino aprendizagem. Estudo de caso Escola 6028 Município de Icolo Bengo província de Luanda comuna de Cabire-2022/2023 e como podemos melhorar este processo suas respostas serão tratadas de forma confidencial.

1. Já teve conhecimento de alunos que possam estar sofrendo de violência domestico?
Sim _____ Não _____. As vezes_____
2. Na sua opinião, como a violência domestica pode afetar o desempenho adâmico dos alunos?
 - a. Impacto significativo_____
 - b. Impacto moderado_____
 - c. Impacto mínimo _____
3. Conheces os possíveis sinais da violência domestica do aluno?
Sim _____ Não _____. As vezes_____
4. Que sinais observaria um aluno que possa estar sofrendo de violência domestico?
 - a. Mudança de comportamento_____
 - b. Queda no desempenho académico_____
 - c. Isolamento social_____
 - d. Lesões físicas visíveis_____
 - e. Dificuldade de concentração_____
 - f. Ansiedade ou depressão_____
 - g. Todas_____
- 6 A escola desempenha um papel importante e identificar e apoiar alunos que estão sofrendo de violência domestica?
Sim _____ Não _____. As vezes_____
- 7 Já recebeu formação ou orientação sobre como lidar com alunos que possam estar sofrendo de violência domestica?
Sim _____ Não _____. As vezes_____
- 8 Os professores deveriam receber mais formação sobre como abordar questões da violência domestica na sala de aula.
Sim _____ Não _____. As vezes_____

Obrigado pela atenção!

Caro Aluno (a)

Obrigado por participar neste questionário. Seu feedback é importante entendermos melhor o impacto da violência domestica no processo de ensino aprendizagem. Estudo de caso Escola 6028 Município de Icolo Bengo província de Luanda comuna de Cabire-2022/2023 e como podemos melhorar este processo suas respostas serão tratadas de forma confidencial.

Idade

Menor de 12 anos _____

12 à 15 anos _____

16 à 18 anos _____

Maior de 18 anos _____

1. Sabe o que é a violência domestica?

Sim _____ Não _____ . As vezes _____

2. A violência domestica pode afetar o desempenho escolar do aluno?

Sim _____ Não _____ . As vezes _____

3. São consequências ou impactos da violência domestica no desempenho escolar do seu filho?

a. Dificuldade de concentração _____

b. Falta de motivação _____

c. Queda nas notas _____

d. Ansiedade e depressão _____

e. Ausencia constante nas aulas _____

4. Conheces os sinais de alguém vitima da violência domestica?

Sim _____ Não _____ As vezes _____

5. A escola realiza secções de sensibilização para os pais sobre como lidar com a violência domestica e seus impactos na educação ?

Sim _____ Não _____ As vezes _____

Obrigado pela atenção!

QUERIDO (A) PAI/ MÃE OU ENCARREGADO (A) DE EDUCAÇÃO

Obrigado por participar neste questionário. Seu feedback é importante entendermos melhor o impacto da violência domestica no processo de ensino aprendizagem. Estudo de caso Escola 6028 Município de Icolo Bengo província de Luanda comuna de Cabire-2022/2023 e como podemos melhorar este processo suas respostas serão tratadas de forma confidencial.

1. Relação com alunos

- a. Pai_____
- b. Mãe_____
- c. Outra_____

2. A violação domestica pode afetar a vida escolar do aluno?

Sim_____ Não_____ As vezes_____

3. Quais podem ser os possíveis impactos da violência domestica no desempenho escolar do seu filho?

- a. Baixa desempenho_____
- b. Mudança do comportamento_____
- c. Isolamento social_____
- d. Dificuldade de concentração_____
- e. Ansiedade e depressão_____

4. Os pais deveriam proceder informações e recursos para compreenderem melhor o impacto da violência domestica no processo de ensino aprendizagem?

Sim_____ Não_____ As vezes_____

5. A escola realiza sessões de sensibilização para os pais sobre como lidar com a violência domestica e seus impactos na educação?

Sim_____ Não_____ As vezes_____

6. Sessões de sensibilização sobre a violência domestica sobre os alunos?

Sim_____ Não_____ As vezes_____

Obrigado pela atenção!

ANEXOS